

ALEXANDRE ALLIATTI

**A SUPERACELERAÇÃO DO TEMPO NO JORNALISMO IMPRESSO:
um estudo da Editoria Mundo de Zero Hora**

**Porto Alegre
2005**

ALEXANDRE ALLIATTI

**A SUPERACELERAÇÃO DO TEMPO NO JORNALISMO IMPRESSO:
um estudo da Editoria Mundo de Zero Hora**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo

Orientadora:
Profa. Dra. Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

**Porto Alegre
2005**

AGRADECIMENTOS

Uma monografia não é fruto apenas daquele período (tão curto, às vezes) em que o estudante, ávido pela formatura, decide juntar forças para realizar a pesquisa. Ela é, por seu simbolismo, a síntese de toda a vivência de quatro anos de faculdade. Mais ainda: é resultado de uma vida inteira de escolhas, experiências, encontros e desencontros. Por isso que uma monografia não é “mono” coisa nenhuma. Ela é “poli”. Poligrafia. Escrita por muitas mãos, talvez pelas mãos de todas as pessoas que passaram pela vida do sujeito que, um dia, vai sentar diante do computador e dar forma ao seu estudo – e, indiretamente, a suas escolhas, experiências, encontros e desencontros.

Essa poligrafia é de minha mãe. Foi ela que, há quase 24 anos, começou a escrevê-la com toda a atenção do mundo e não parou mais. Foi ela que, mesmo em silêncio, sempre me mostrou o melhor caminho, sempre me incentivou. Isso não tem preço.

Essa poligrafia é das professoras Vânia e Vanda, pela resistência demonstrada na difícil realidade da escola pública. Obrigado por terem feito com que o gosto pela leitura, despertado quando eu ainda era criança, seguisse firme na adolescência.

Essa poligrafia é da professora Virgínia Fonseca, minha atenciosa orientadora. Agradeço demais pela paciência e interesse demonstrados. E por ter

mostrado que, pensando bem, fazer uma monografia (poligrafia) não é coisa de outro mundo.

Essa poligrafia é dos jornalistas Raul Rubenich e Rodrigo Lopes, por terem sido tão atenciosos com um formando que corria contra o relógio.

Essa poligrafia é da Gabi, minha linda Gabi. Por ser tão parceira, linda, incentivadora, linda, animada e linda. Porque daqui a alguns anos, quando ela fizer aquela monografia (poligrafia) maravilhosa sobre o Cortázar no cinema, tenho certeza que vai me reservar um cantinho nos agradecimentos.

Essa poligrafia é de todos os grandes amigos que fiz na Fabico. E de todos os que havia feito antes. Obrigado ao Rodrigo, ao Tiago e à Carmel pela ajuda na caça aos livros necessários. Principalmente ao Rodrigo, que até temporal enfrentou. À Bibs Bulcão, meu agradecimento por “abnteizar” meus devaneios. E ao André Malinoski, pelas folgas camaradas concedidas em momentos de desespero.

Essa poligrafia é da Ufrgs, por ensinar a pensar, não a apertar botões. Apesar de todos os problemas enfrentados, de todas as críticas que precisam ser feitas, é um prazer fazer parte desse mundo.

E essa poligrafia, por todos vocês, também é minha.

RESUMO

Neste estudo, analisa-se a influência da mudança do conceito de tempo, superacelerado com as novas tecnologias, no jornalismo impresso diário, tendo como base a Editoria Mundo do jornal *Zero Hora*. Através dos métodos de Análise de Conteúdo, Pesquisa Bibliográfica e entrevistas, realiza-se uma comparação entre o material publicado pelo periódico em 1985, dez anos antes de a Internet chegar à redação de *ZH*, e em 2005, dez anos depois da mudança. O objetivo, com a análise, é verificar o impacto da rede mundial na publicação de notícias pela Editoria. Estuda-se se houve acréscimo na quantidade de matérias de cunho internacional e se a atualização das mesmas foi facilitada pela revolução tecnológica.

Palavras-chave: Tempo; Jornalismo impresso; Internet

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	17
2.2 A QUANTIFICAÇÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	19
2.3 A ENTREVISTA COMO RECURSO DE INVESTIGAÇÃO.....	21
2.3.1 A Entrevista Como Ferramenta de Descrição das Rotinas Produtivas de ZH.....	22
2.3.2 Condução e Estruturação da Entrevista.....	23
2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	25
3 CASTELLS E O TEMPO INTEMPORAL.....	26
3.1 MUDANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E SOCIEDADE.....	29
3.2 <i>TIME IS MONEY</i> : O CASSINO GLOBAL NA LÓGICA DO TEMPO INTEMPORAL.....	31
3.3 FLEXIBILIZAÇÃO NO TRABALHO E INDETERMINAÇÃO DO CICLO DE VIDA.....	33
3.4 A NEGAÇÃO DA MORTE.....	37
3.5 GUERRAS SUPERACELERADAS.....	38
3.6 TEMPO VIRTUAL: A CULTURA DO INSTANTÂNEO E DO INTEMPORAL.....	39
3.7 A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, MÃE DO TEMPO INTEMPORAL.....	43
3.8 JORNALISMO INTEMPORAL: A NOTÍCIA NA ERA DA INTERNET.....	49
4 ANÁLISE COMPARATIVA DA EDITORIA MUNDO DE ZH EM 1985 E 2005.....	55
4.1 MAIS DO MESMO: A BANALIZAÇÃO DA NOTÍCIA NA INTERNET.....	56
4.2 A QUANTIDADE DE NOTÍCIAS NA EDITORIA MUNDO DE ZH.....	57
4.3 O PRÓXIMO E O DISTANTE.....	63
4.4 AS ROTINAS PRODUTIVAS DA EDITORIA MUNDO DE ZH.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

*O Tempo é um rio sem nascentes a
correr incessantemente para a
Eternidade.*
Erico Verissimo

Mensurar uma grande transformação no período em que ela está ocorrendo não é tarefa das mais simples. O distanciamento entre o observador e o fato, fator tão importante para uma análise objetiva, acaba prejudicado. A integração total do pesquisador ao processo, por mais conhecimento empírico que possa lhe trazer, também leva desvantagens. Às vezes, é observando de fora, com o olhar mais aberto, que se pode perceber a real natureza de um fenômeno. É preciso tempo. Por isso mesmo, talvez caiba à História, com a sapiência dos anos transcorridos, definir qual o peso de determinada mudança em nossa sociedade.

Mas enquanto o futuro não chega, é tarefa dos estudiosos do presente, mesmo que prejudicados pela falta de distanciamento, colaborar com a análise da realidade que lhes cerca. Até porque o distanciamento efetivo é utopia. No momento em que escolhe o tema a ser estudado, o pesquisador já admite certa subjetividade. Quando opta por um ou outro enfoque, também dá vazão a seus conhecimentos prévios, à noção de conteúdo que já traz incutida em sua personalidade, por meio de suas preferências acadêmicas. Se ser totalmente objetivo é impossível, isso não significa, no entanto, que o pesquisador deva abdicar da busca exaustiva do distanciamento extremo. Essa deve ser uma noção intrínseca ao estudioso. Só

assim ele poderá colaborar, mesmo que modestamente, com o conhecimento geral da área em que atua.

Neste trabalho não é diferente. O que se pretende analisar aqui é a relação entre dois temas de interesse do autor (e, portanto, conectados à sua subjetividade): as mudanças no conceito de tempo com o advento das novas tecnologias por um lado e o jornalismo impresso diário de outro. Assim, esta monografia pretende, como objetivo principal, analisar as transformações no conceito de tempo para o jornalismo impresso de periodicidade diária. Acredita-se ser possível, para o bom andamento deste estudo, ter como referencial teórico o conceito de “tempo intemporal” elaborado pelo espanhol Manuel Castells na obra *A Sociedade em Rede* (2000) para assim refletir sobre as possíveis mudanças do noticiário jornalístico diário em mídia impressa com o advento da Internet, responsável pela inauguração da era da instantaneidade.

A análise empírica do tema incide sobre a Editoria Mundo do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Na tentativa de formulação de uma hipótese, procura-se traçar um paralelo entre as características da publicação em 1985, dez anos antes de a Internet chegar ao Brasil, e 2005, uma década depois da revolução do tempo real na mídia brasileira.

Para que o objetivo seja alcançado, torna-se necessário esclarecer o foco em objetivos específicos. Primeiramente, procura-se analisar comparativamente a atualização das notícias na Editoria Mundo de *ZH* nos dois períodos (1985 e 2005). Tenta-se fazer, através do recurso metodológico da análise de conteúdo, uma observação acerca de quão “novo” é o material que chega ao leitor pela manhã. Por meio desta metodologia, entende-se que seja possível ter uma noção prévia do impacto das recentes tecnologias no jornalismo impresso. Para não se correr o risco

de elaborar uma conclusão pouco sólida, o estudo busca complementação em entrevistas com profissionais que vivenciem essa realidade diariamente. Ou seja, com jornalistas que integrem a Editoria Mundo de *ZH*. Além disso, busca-se traçar um paralelo entre o dia-a-dia da Editoria hoje e a realidade que a mesma enfrentava há 20 anos. Para tanto, foi necessária outra série de entrevistas com jornalistas que integraram a Editoria Mundo do jornal em 1985. Finalmente, também valendo-se dos relatos, tenta-se descrever as rotinas produtivas da Editoria, de forma a conhecer a maneira como ocorre o contato com a notícia, desde sua chegada, pelas agências e/ou enviados internacionais, passando pela edição do material, até a publicação propriamente dita. Tentar relacionar o tempo gasto nesse processo, comparando o que ocorria há 20 anos à rotina de hoje, é um dos caminhos que se pretende trilhar para alcançar o objetivo geral desta monografia.

Paralelamente, trabalha-se também com o método Análise de Conteúdo. Através de um estudo quantitativo, procura-se analisar se houve mudança no número de matérias publicadas pela Editoria Mundo de *ZH* em 2005, em relação ao ano de 2005. Imagina-se que, se o espaço disponível para as matérias de cunho internacional não sofreu mudanças bruscas, esta comparação possa dar sinais de que é maior a quantidade de notícias disponíveis e, por conseguinte, passíveis de publicação. Logo, com mais matérias brigando pelo mesmo terreno, automaticamente diminuir-se-ia o espaço a elas destinado – resguardada a noção de que o limite físico de um jornal é o espaço definido pelo setor comercial depois de checada a quantidade de anúncios publicitários destinados à edição e o local que eles ocuparão no jornal.

Em suma, acredita-se serem esses procedimentos suficientes para se tentar avaliar se a Internet efetivamente agilizou o ciclo de informações que giram pelas

redações. E se, no mesmo sentido, esse incremento na velocidade do acesso às notícias de todo o planeta também atinge o leitor do periódico. Avaliando a atualização das notícias e a quantidade das mesmas, possivelmente se terá um painel mínimo das supostas modificações implicadas na reestruturação do conceito de tempo no jornalismo impresso, com enfoque na periodicidade diária, mais precisamente a Editoria Mundo de *ZH*. A pesquisa concentra-se em uma semana de publicação do periódico. Para efeito de comparação, analisa-se o mesmo período em 1985 e 2005 – mesmos mês e dias.

O acesso às informações nunca esteve tão fácil. Nas redações, notícias de todo o mundo chegam instantaneamente por meio das agências, que hoje funcionam como braço direito do repórter. Com a Internet, cada minuto traz uma novidade. E o jornalismo, sempre sedento pelo que há de mais novo, abraçou essas tecnologias. A ânsia de sempre publicar a última notícia, de sempre estar o mais atualizado possível, é a responsável por essa apropriação. Trata-se de uma espécie de jornalismo afobado, tendo em vista que o contato do repórter com a notícia é muitas vezes tão efêmero que acaba caminhando em direção contrária à apuração, um dos princípios básicos do jornalismo. Para que a informação chegue de maneira apropriada ao leitor, é indispensável que haja uma averiguação prévia. Só que a necessidade de não ser “furado” pelo concorrente, muitas vezes aliada a redações absolutamente enxugadas (e também levando-se em conta a pressão do *deadline*), faz com que o material recebido das agências seja basicamente o mesmo que chegará ao leitor na manhã do dia seguinte. E como essa realidade não se aplica a poucos jornais, mas à maioria, percebe-se uma padronização do noticiário. Pode haver diferença no texto, na edição, mas o conteúdo da informação é basicamente o mesmo.

Com a rede mundial, tem-se notícias dos mais distantes cantos do planeta, a um clique de *mouse*. Os principais veículos de comunicação estão ali, disputando ferrenhamente o privilégio de dizer “demos antes”. Mesmo que esse “antes” seja questão de minutos, talvez segundos. Grandes eventos têm cobertura instantânea, no chamado minuto-a-minuto¹. Cada lance dos principais jogos de futebol são descritos em texto que se assemelha ao estilo da narração de rádio. O leitor acompanha os lances como se estivesse na frente da televisão, ou mesmo no estádio, porém sem o recurso das imagens. Crises políticas, desastres naturais, eventos esportivos, tudo na hora em que está acontecendo. A Internet, com suas peculiaridades, também precisava criar o seu “ao vivo”.

As facetas parecem infindáveis. Se as guerrilhas urbanas dos anos 60/70 mandavam cartas para as redações relacionando suas exigências, hoje os grupos terroristas do Oriente Médio deixam suas mensagens na Internet, em suas próprias *homepages*. Mais: chegam a disponibilizar vídeos com as mais recentes execuções de seqüestrados – uma versão macabra que revela a importância da atualização de um *site* como fator de atração.

No Brasil, a crise política do governo Lula foi a primeira a ser tratada em tempo real. TVs a cabo transmitem as sessões das CPMLs² ao vivo, as rádios repercutem na hora, a Internet acompanha minuto-a-minuto, frase por frase. Jornalistas encarregados de cobrir o caso lançaram *blogs*³, que logo alcançaram imenso sucesso graças a outra das ferramentas de sedução do tempo real: a interatividade. São notícias e bastidores dos eventos transmitidos de forma instantânea, impessoal e, principalmente, abertas a quaisquer comentários por parte

¹Minuto-a-minuto: Relato em tempo real, com texto curto e direto, do acontecimento. São pequenos drops atualizados rapidamente, conforme a ocorrência dos fatos.

²Comissões Parlamentares Mistas de Inquérito.

do público. Um dos principais nomes envolvidos no suposto esquema de corrupção, o publicitário Marcos Valério de Souza, também decidiu aderir à moda e lançou seu *blog*. E até o mundo da política ajoelhou-se à novidade. César Maia, prefeito do Rio de Janeiro, andou recebendo críticas por dar mais atenção a sua página pessoal do que à administração da cidade.

Este estudo terá o alicerce teórico de Manuel Castells, autor que tratou de forma ampla e interdisciplinar das modificações sofridas no conceito de tempo em vários aspectos de nossa realidade. Através de suas análises, pode-se estruturar a base teórica inicial para que se possa discorrer, neste trabalho, com maior segurança sobre as questões do tempo no campo de estudo específico desta monografia. Na obra *A Sociedade em Rede*, Castells (2000) cria o conceito de “tempo intemporal”, uma revolução comunicativa que seria tão representativa quanto a criação do alfabeto, em 700 a.C. Ele descreve uma transformação intrinsecamente ligada à comunicação que envolveria, em um mesmo sistema interconectado planetariamente, as modalidades comunicativas escrita, oral e audiovisual. E esse sistema, por ser construído em uma rede global e virtual, muda a noção até então existente de comunicação. Nas palavras do próprio autor, é uma realidade que:

[...] Já existe no novo sistema de mídia, nos sistemas de telecomunicações que se alteram rapidamente, nas redes de interação já formadas na Internet [...]. O surgimento de um novo sistema de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade pessoal está mudando e mudará para sempre nossa cultura (CASTELLS, 2000, p. 354)

Trata-se daquilo que Castells chama de “cultura da virtualidade real”, uma das facetas do tempo intemporal.

³ Blogs: Sites pessoais de hospedagem geralmente gratuita cuja característica principal é a

[...] A mistura de tempos na mídia dentro do mesmo canal de comunicação, à escolha do espectador/interagente, cria uma colagem temporal em que não apenas se misturam gêneros, mas seus tempos tornam-se síncronos em um horizonte aberto sem começo, nem fim, nem seqüência” (CASTELLS, 2000, p. 486)

Para que esta monografia não se resuma a uma única visão teórica, são utilizados também trabalhos de outros estudiosos tão significativos quanto Manuel Castells. É o caso, por exemplo, de algumas questões sugeridas por Paul Virilio sobre as modificações das noções espaço-temporais.

Como viver verdadeiramente se o aqui não o é mais e se tudo é agora? Como sobreviver amanhã à fusão/confusão instantânea de uma realidade que se tornou ubiqüitária se decompondo em dois tempos igualmente reais: o tempo da presença aqui e agora e aquele de uma *telepresença* à distância, para além do horizonte das aparências sensíveis? (VIRILIO, 1993, p. 103).

As análises de Paul Virilio, assim como as de David Harvey (1996) e John Thompson (1998), que serão exploradas no decorrer deste trabalho, tratam do tempo em um contexto geral, não particularmente interessado na comunicação. O que se procura fazer nesta monografia é aproximar os conceitos desses teóricos na direção do campo jornalístico, com enfoque na mídia impressa diária – embora, vale lembrar, o mundo da informação seja, sim, contemplado nas obras estudadas, mesmo que de forma coadjuvante.

Mas antes de se tomar o jornalismo propriamente dito como objeto de estudo, procura-se abordar os procedimentos metodológicos aqui adotados. Como referiu-se anteriormente, os métodos adotados são a Análise de Conteúdo, a pesquisa bibliográfica, a entrevista em profundidade e a descrição das rotinas produtivas. No

capítulo correspondente, discorre-se sobre cada um desses procedimentos metodológicos.

O segundo capítulo é reservado para a explanação teórica dos conceitos a serem operacionalizados. Aí entram as análises de tempo intemporal, elaborada por Castells, de compressão espaço-temporal, formulada por Harvey, de realidade virtual, exposta por Virilio. Por meios desses autores, procura-se elaborar um panorama daquilo que é relevante para um estudo que trate do conceito de tempo. A partir desse momento, acredita-se possível dar início às tentativas de criar um painel sobre as modificações sofridas pelo jornalismo graças à mutação temporal estabelecida pelas novas tecnologias.

Com tais análises devidamente apresentadas, o passo seguinte consiste na apresentação das informações recolhidas por meio das entrevistas. A relação entre tempo e jornalismo é, enfim, afinada para o recorte específico desta monografia: a Editoria Mundo do jornal *Zero Hora*.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Que na voz que o mundo te arranca
vale é o tanto quanto lavras a utilidade
das palavras. **Nei Lisboa***

Este capítulo trata dos caminhos metodológicos escolhidos para que seja possível estudar de forma mais apropriada as questões levantadas por esta monografia. Destaca-se a escolha da análise de conteúdo como procedimento necessário ao desenvolvimento deste projeto, ressaltando-se também as entrevistas com os jornalistas – pois são eles que, em seu dia-a-dia, traduzem em prática a teoria aqui estudada, tornando palpável o tema abordado nestas páginas. Analisa-se a utilização da pesquisa bibliográfica, os levantamentos quantitativos e a técnica da etnografia para descrever as rotinas de produção na Editoria Mundo de ZH. Não se procura oferecer respostas conclusivas para os problemas aqui suscitados. A idéia é trabalhar com questões que, acredita-se, estejam ligadas à evolução do jornalismo.

Para elaborar um trabalho consistente, que corresponda aos critérios acadêmicos, são necessários alguns métodos que visem a orientar a relação do pesquisador com o tema. É aí que entram os procedimentos metodológicos, essenciais por duas razões básicas. Primeiro, para deixar de lado boa parte da carga subjetiva trazida pelo pesquisador (mesmo que alcançar uma objetividade completa seja tarefa impossível). Segundo, para superar o senso comum em direção a uma etapa mais avançada.

As ciências sociais não contam com o melhor dos prestígios no que se refere a questões metodológicas. Segundo Gil (1999, p. 21), "[...] há mesmo autores

partidários de sua não-inclusão no rol das verdadeiras ciências". Isso não significa, no entanto, que o método deva ser deixado de lado em pesquisas que residam fora do campo das ciências naturais, essas sim respeitadas em seu caráter metodológico.

Deve-se, polêmicas à parte, buscar sempre o cientificismo, seja qual for o campo pesquisado. Essa é uma obrigação do estudioso.

O conhecimento científico é objetivo porque descreve a realidade independentemente dos caprichos do pesquisador. É racional porque se vale sobretudo da razão, e não de sensações ou impressões, para chegar a seus resultados (GIL, 1999, p. 20-21)

O pesquisador deve despir-se de suas percepções prévias, pois a ciência "[...] é uma disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos" (SKINNER⁴ apud GIL, 1999, p. 45). Observações cotidianas formam a bagagem cultural do estudioso, são essenciais para moldar sua visão da realidade, mas ele não pode resumir sua pesquisa ao conhecimento empírico que possui. Ir além é avançar do senso comum para o conhecimento científico. É o que Lopes chama de operação epistemológica de ruptura, processo científico que incide "[...] particularmente sobre a definição do objeto de pesquisa e do sistema de conceitos aí envolvidos" (LOPES, 1994, p.106).

Os indivíduos, no decorrer da vida, fazem observações e generalizações a partir de suas experiências pessoais. A diferença entre essas observações ao acaso e o conhecimento científico é que o uso do método científico confere um grau maior de rigor às observações, possibilita a comprovação, garante maior validade e precisão ao conhecimento adquirido (DENCKER; VIÁ, 2002, p. 35)

Buscar os procedimentos metodológicos para realizar a "ruptura" e, assim, não resumir o estudo às "observações ao acaso" do pesquisador é, portanto,

essencial. Para isso, destaca-se a, nas páginas seguintes, as características de cada uma dessas técnicas.

2.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Pelas características desta monografia, acredita-se que a análise de conteúdo seja o procedimento metodológico mais apropriado para analisar de que forma a mudança no conceito de tempo influencia no jornalismo impresso de periodicidade diária. É um estudo que requer, além de pesquisa bibliográfica, uma averiguação cuidadosa do material publicado pela Editoria Mundo do jornal Zero Hora. A análise de conteúdo está diretamente ligada a esse tipo de pesquisa, como definiu Gil.

O grande volume de material produzido pelos meios de comunicação de massa e a criação de técnicas para sua quantificação determinam o desenvolvimento da análise de conteúdo (GIL, 1999, p. 165)

De acordo com Dencker e Viá, “[...] a análise de conteúdo tem sido usada tanto para fins descritivos quanto para fins de comprovação de hipóteses” (2001, p. 153). Esta monografia circunscreve-se ao segundo caso. O procedimento permite que sejam inferidas questões essenciais neste estudo.

Si toda investigación científica está motivada por el deseo de conocer o de entender mejor una porción del mundo real, un análisis de contenido debe interesarse por dos especies de realidad: la realidad de las datos y la realidad de lo que el investigador quiere conocer. En el análisis de contenido estas dos realidades no se superponen, no son coincidentes, de modo que el investigador tendrá que encontrar la manera de considerar los datos que está en condiciones de analizar como manifestaciones simbólicas o indicadores de los fenómenos que le interesan (KRIPPENDORFF, 1990, p. 252)

É com a análise comparativa de uma semana de publicação da Editoria

⁴ SKINNER, B. F. Science and Human Behavior. New York: Macmillan, 1983.

Mundo de ZH de 1985 e de uma semana de publicação do mesmo periódico em 2005 que se levanta a hipótese de que a quantidade de matérias, graças ao advento das novas tecnologias, aumentou em relação ao período Pré-Internet. E de que a atualização das informações é mais instantânea. A limitação do período pesquisado fez-se necessária em função do pouco tempo disponibilizado para a realização deste projeto – pouco mais de três meses. Se o período fosse maior, talvez o desenvolvimento desta análise fosse prejudicado. Afinal, “[...] el universo de datos primarios disponibles tiende a sobrepasar incluso la capacidad de asimilación de los operativos de investigación mejor equipados” (KRIPPENDORFF, 1990, p. 93).

Este estudo trabalha, portanto, com a investigação do material publicado pela Editoria Mundo nos dois períodos. “El análisis de contenido es una técnica de investigación destinada a formular, a partir de ciertos datos, inferencias reproducibles y válidas que puedan aplicarse a su contexto” (KRIPPENDORFF, 1990, p. 28). Ainda segundo o autor, “[...] al igual que todas las restantes técnicas de investigación, su finalidad consiste en proporcionar conocimientos, nuevas intelecciones, una representación de los ‘hechos’ y una guía práctica para la acción” (1990, p. 28).

O conteúdo da publicação que interessa a esta monografia refere-se à atualização das notícias. “El análisis de contenido tiene su propio método para analizar los datos, que procede en gran medida de su manera de considerar el objeto de análisis, es decir, el contenido” (KRIPPENDORFF, 1990, p. 28).

A análise de conteúdo é subdividida em três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos dados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase de organização. Inicia-se geralmente com os primeiros contatos com os documentos (leitura flutuante). A seguir, procede-se à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise (GIL, 1999, p. 165)

Trata-se do contato inicial com o objeto pesquisado, etapa seguida pela exploração do material, “[...] que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise” (GIL, 1999, p. 165). Por fim, mais familiarizado com o conteúdo, passa-se para o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, que, ainda segundo Gil (1999), é a etapa responsável por tornar os dados válidos e significativos. A interposição das etapas pode ser prejudicial à qualidade do estudo. Cabe ao pesquisador tomar os cuidados necessários para que cada uma das fases mencionadas não seja “atropelada” pela ânsia da descoberta.

Los proyectos de investigación para el análisis de contenido tienden a ser de naturaleza secuencial. En ellos, cada paso sigue a uno anterior, y las decisiones sobre un procedimiento determinado no se toman (ni se consideran) según el resultado del procedimiento siguiente (KRIPPENDORFF, 1990, p. 71)

Sustentado pelos dados recolhidos nas análises dos jornais, o estudo pode, enfim, trilhar seu caminho na direção da comprovação da hipótese levantada.

2.2 A QUANTIFICAÇÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A Análise de Conteúdo fornece os dados que permitem sustentar a hipótese de que as novas tecnologias aumentaram a capacidade de atualização das notícias, da mesma forma que a quantidade de notícias publicada em uma mesma mídia de espaço é maior atualmente do que há duas décadas.

A quantificação é técnica bastante difundida nas Ciências Sociais. Como o pesquisador não pode ficar restrito a suas observações, faz-se necessário o uso de

métodos mais objetivos para que o estudo tenha validade científica.

Percebemos a realidade social mediante a observação, porém, a atividade científica necessita de instrumentos que reforcem nossas aptidões naturais e permitam mais objetividade das observações. Muitas vezes, essa objetividade está associada à idéia de quantificação à medida que tal procedimento permite ao pesquisador analisar fenômenos em função da freqüência em que ocorrem ou de sua quantidade (DENCKER; VIÁ, 2002, p. 86)

Nesta monografia, pretende-se verificar como o acesso à Internet nas redações alterou a quantidade de notícias publicadas. Tomando como base uma semana de publicação da Editoria Mundo de ZH em 1985 e outra em 2005, estuda-se quantitativamente a relação entre os dois períodos. Busca-se verificar a relação da Internet, que chegou ao Brasil em 1995, com o acesso das redações às informações que circulam pela rede mundial.

Para isso, cria-se uma média simples entre a quantidade diária de notícias publicadas em relação ao número de páginas destinadas à Editoria Mundo – preservada a idéia de que o espaço de cada página pode ser prejudicado pela entrada de anúncios publicitários. Neste caso, realiza-se uma medição com vistas a calcular o percentual da página perdido com o material publicitário. O cálculo de notícias por página passa a ser realizado com o espaço restante, e a análise aqui proposta incorpora em seus dados essa informação.

2.3 A ENTREVISTA COMO RECURSO DE INVESTIGAÇÃO

Além da pesquisa bibliográfica e do estudo do material publicado em Zero Hora, este trabalho é complementado por entrevistas com jornalistas que trabalham na Editoria Mundo do periódico. É por meio desses profissionais que se procura compreender a prática do jornalismo. A entrevista como técnica de investigação baseia-se na idéia de que os entrevistados podem trazer detalhes importantes para

o estudo, tais como o processo de atualização noticiosa e a frequência de acesso dos jornalistas ao material que chega às redações via agências ou *sites*. A partir daí, inferem-se outras questões relevantes no fazer jornalístico: a força de algumas agências, que, influentes na mídia de países os mais variados, pode gerar uma padronização no conteúdo das matérias. Como observam Dencker e Via:

O cientista social deverá recorrer à entrevista sempre que necessitar de dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentais, utilizando as respostas para construir conhecimento a respeito do assunto ou do problema investigado (DENCKER; VIÁ, 2002, p. 160)

A importância da entrevista para as ciências sociais é sublinhada também por Gil

[...] a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ⁵ *apud* GIL, 1999, p. 117)

Além dos profissionais que atualmente compõem a Editoria Mundo de ZH, faz-se necessário o contato com jornalistas que tenham passado por essa experiência na época pré-Internet. Dessa forma, tem-se um paralelo entre as duas realidades abordadas nesta monografia: antes e depois da revolução da rede global.

2.3.1 A Entrevista Como Ferramenta de Descrição das Rotinas Produtivas de ZH

Das entrevistas em profundidade tira-se outro aspecto fundamental ao

⁵ SELLTIZ, Claire et. al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

desenvolvimento desta pesquisa. Mais do que informações como tempo de atualização, horário de fechamento ou agências utilizadas, busca-se compreender as rotinas produtivas da Editoria. Assim, procura-se compreender a relação dos jornalistas com a avalanche de material disponibilizado a cada minuto pelas agências e *sites*. E comparar as diferenças entre a rotina atual e a duas décadas atrás.

O “fazer jornalismo” mudou nesse período. A profissão caminha hoje para um terreno onde o profissional valorizado é aquele capaz de acumular funções, desempenhando-as, sem perda de qualidade, no menor tempo possível. Trata-se compressão espaço-temporal, que muito tem a ver com a horizontalização da organização produtiva, característica do jornalismo pós-fordista – realidade em que a flexibilização produtiva virou lei.

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças nos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas [...]. Ela também envolve um novo movimento que chamarei de “compressão espaço-tempo” no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram [...] (HARVEY, 1996, p. 140)

É uma revolução produtiva e organizacional diretamente ligada ao conceito de tempo. “A primeira e mais abrangente tendência de evolução organizacional identificada [...] é a transição da produção em massa para a produção flexível, ou do fordismo para o pós-fordismo [...]” (CASTELLS, 2000, p. 175).

A interlocução com os profissionais serve, portanto, como ferramenta indispensável à compreensão das rotinas produtivas dos jornalistas da Editoria Mundo de ZH na era pré-Internet e no período atual.

Na década de 90, vários fatores aceleraram a transformação do processo de trabalho: a tecnologia da computação e suas aplicações, progredindo a passos gigantes, tornaram-se cada vez menos dispendiosas e melhores, com isso possibilitando sua aquisição em larga escala; a concorrência global promoveu uma corrida tecnológica e administrativa entre as empresas em todo o mundo; as organizações evoluíram e adotaram novas formas quase sempre baseadas em flexibilidade e atuação em redes [...] (CASTELLS, 2000, p. 163)

Por meio das entrevista-se, tem-se a definição de se a realidade acima descrita por Castells está presente na Editoria e, por conseguinte, no jornal pesquisado.

2.3.2 Condução e Estruturação da Entrevista

A entrevista, segundo Gil (1999), é a mais flexível das técnicas de interrogação (p.117). Por isso mesmo, possui algumas peculiaridades. Pode ser informal ou focalizada, dependendo do interesse do pesquisador/entrevistador. No primeiro caso, funciona de maneira semelhante a uma conversa, porém com o objetivo claro da coleta de dados. No segundo, embora livre, leva a conversa sempre ao assunto de interesse do entrevistador. Cabe a ele guiar o entrevistado de volta ao tema quando este desviar o assunto. Também pode ser parcial ou totalmente estruturada, dependendo da rigidez das perguntas previamente elaboradas pelo condutor da entrevista.

No caso específico desta monografia, adota-se a entrevista parcialmente estruturada. Estabelecem-se perguntas centrais, cujas respostas objetivam a elucidação de questões pertinentes à pesquisa, mas não se deixam de lado possíveis desvios por parte do entrevistado, pois dali podem surgir outros detalhes.

Falar e ser ouvido parece ser o modo mais poderoso de pensar e,

portanto, de refletir sobre a própria existência, desde que se esteja comprometido em uma relação dialógica, inter-subjetiva, na qual se acredita que o outro esteja de fato tentado a compreender (DEJOURS⁶ *apud* SOUZA, 2004, p. 45)

Avalia-se que a entrevista incorpora-se devidamente a esta monografia por sua flexibilidade e capacidade de elucidar questões que não são de conhecimento do pesquisador. Deve-se, por outro lado, tomar alguns cuidados para que o procedimento não seja falho. Deixar o entrevistado à vontade, dispor-se a ouvir com atenção o que ele tem a dizer e dar tempo para que ele discorra sobre a pergunta feita são cuidados elementares, mas tremendamente importantes.

Espera-se que, com a escolha metodológica apresentada neste capítulo (análise de conteúdo e entrevistas, principalmente), sejam firmadas as bases necessárias para o desenvolvimento deste estudo, que visa a observar de que forma a mudança no conceito de tempo influencia na produção jornalística, tendo como base a Editoria Mundo do jornal Zero Hora.

2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O conhecimento empírico do pesquisador é importante para o estudo, pois funciona como uma espécie de passo inicial no desenvolvimento do projeto. No entanto, a fidedignidade da análise não pode ser resumida ao conhecimento prévio do estudioso. É preciso ir além, e para isso, naturalmente, recorre-se a outras fontes. A pesquisa bibliográfica, portanto, funciona como um instrumento impulsionador do estudo. Quando se avaliam os pontos relativos ao projeto que já foram abordados por outros estudiosos, estabelece-se um crescimento no conhecimento do pesquisador e, ao natural, do próprio estudo.

⁶ DEJOURS, Christophe. Trabalho e Saúde Mental. In: BETIOL, Maria Irene Stocco. **Psicodinâmica**

A pesquisa bibliográfica serve, também, para situar o estudioso no desenvolvimento do projeto. Conhecendo o material produzido sobre o assunto pesquisado, o autor do estudo pode melhor fundamentar suas idéias. Além disso, pode-se ter uma melhor idéia dos pontos ainda não abordados pela bibliografia tradicional e, com isso, elaborar um estudo que traga novas propostas.

No caso desta monografia, que trabalha com a aplicação no jornalismo do conceito de tempo, o uso da pesquisa bibliográfica é indispensável. Só com o apoio de importantes teóricos que se torna possível encontrar base para desenvolver este estudo, calçado na comunicação. Nas próximas páginas, está presente a importância da pesquisa bibliográfica, representada no estudo, principalmente, da obra de Manuel Castells, mas também com espaço para David Harvey, John Thompson e Paul Virilio.

do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.

3 CASTELLS E O TEMPO INTEMPORAL

Then you better start swimmin' or
you'll sink like a stone, for the times
they are a-changin'.
Robert Zimmerman

Neste capítulo, abordam-se aspectos diversos sobre o conceito de tempo, sua modificação com o passar dos anos e sua influência, na atualidade, em diferentes aspectos da vida. Procura-se definir uma base teórica sobre o tempo, que serve de suporte para o estudo específico desta monografia, as mudanças temporais dentro do universo jornalístico, com foco na Editoria Mundo do jornal *Zero Hora*. Para isso, analisam-se as questões levantadas por Manuel Castells na obra *A Sociedade em Rede*, que, se bem compreendidas, são de extrema utilidade no momento em que se avalia diretamente o jornalismo.

O conceito de tempo é tão amplo, tem características tão interdisciplinares, que tentar estudá-lo em sua totalidade seria um suicídio acadêmico. Se a paixão pelo tema levasse o estudo a abraçar tudo que há sobre o tempo, partir-se-ia de nenhum lugar para chegar a lugar algum. Seria um erro estratégico. Para um trabalho cuja realização sofre com a carência de tempo e até de espaço físico – afinal, deu-se um justo fim à era das monografias enfadonhas, com centenas de páginas esquecidas nas prateleiras das bibliotecas –, faz-se necessária uma delimitação no campo de estudo. É por essa razão que a análise aqui proposta está focada na mudança do conceito de tempo, superacelerado com as novas tecnologias, dentro do jornalismo impresso diário.

Para restringir ainda mais o universo de pesquisa e, assim, evitar que se fuja da real proposta desta monografia, destaca-se um autor como centro da avaliação teórica do tema proposto. No caso, o eleito é Manuel Castells, que em sua obra *A Sociedade em Rede* trata das transformações sofridas na relação do tempo com a sociedade – processo que o autor denomina tempo intemporal. A escolha por Castells justifica-se, em primeiro lugar, por uma inegável simpatia acadêmica para com o realizador de *A Sociedade em Rede*. Vários outros teóricos poderiam servir de eixo para esse estudo, mas a escolha por Castells se dá pelo conhecimento prévio de sua obra. Não se opta por ele, naturalmente, apenas pela qualidade do texto, pela possibilidade de uma leitura mais agradável, fluida. A escolha decorre também do fato de ele ser dono de uma obra notadamente abrangente e interdisciplinar, pontos muito importantes para uma monografia que trabalha com o tempo, noção também abrangente, também interdisciplinar. Todas as questões por ele levantadas parecem estar conectadas umas às outras. É assim que ele forma o painel de uma revolução tecnológica e informacional que tem muita relação com os conceitos de tempo e comunicação, ambos de interesse deste trabalho. Portanto, não é só a simpatia por Castells que explica a escolha.

Para embasar melhor o estudo, os apontamentos de Castells dialogam com conceitos de outros estudiosos, como Paul Virilio, John Thompson e David Harvey, bem como de autores que trabalham com o foco já direcionado ao jornalismo, casos de Sylvia Moretzsohn, Bernardo Kucinski e Helder Bastos.

A revolução da tecnologia da informação é a fomentadora daquilo que Castells chama de tempo intemporal. A formação de um sistema tecnológico moderno, livre de barreiras espaciais, cria o contexto para que noções como tempo e velocidade sejam modificadas. A sociedade passa por um processo de

superaceleração do tempo, seja por causa da lógica capitalista de *time is money*, seja pela horizontalização produtiva, cujo objetivo é otimizar as possibilidades de lucro, seja pelo advento da Internet. A comunicação, mais especificamente o jornalismo, não ficou presa nas rodas do passado. A mídia absorveu as novas tecnologias e as incorporou ao seu modo de produção, tornando-se parte integrante (e fundamental) desse “frenesi”.

Não se procura, nesta monografia, criar juízos de valor sobre a utilização dessas tecnologias pelo jornalismo. O objetivo, aqui, não é “maniqueizar” a prática jornalística pré e pós-Internet. Tampouco se procura exorcizar a presença das agências de notícias ou fazer uma ode nostálgica ao jornalismo do passado, visto com tanto romantismo. Este trabalho visa, como já se antecipou, a analisar de que forma essas novas tecnologias e esse tempo intemporal influenciam na atividade jornalística.

Antes, no entanto, é preciso recorrer às interpretações de Castells sobre as manifestações do tempo intemporal na sociedade moderna. Para ele, o estudo do tempo está dividido em vários aspectos que se inter-relacionam. Neste capítulo, discorre-se sobre esses aspectos e suas implicações sobre o jornalismo. Analisa-se a relação histórica entre a sociedade e seu tempo, o mercado global de capital, a flexibilidade das rotinas de trabalho, a indeterminação do ciclo de vida, a negação da morte, a instantaneidade levada às guerras pelas novas tecnologias, o surgimento do tempo virtual e, enfim, as características da revolução que originou esse processo, para finalmente analisar-se as implicações do fenômeno no jornalismo impresso diário.

3.1 MUDANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E SOCIEDADE

Não é de agora que ocorrem variações na relação entre tempo e sociedade. A diferença, segundo Castells, é que atualmente se vive uma cultura que nega o tempo, tendência enraizada no desenvolvimento das tecnologias de comunicação. O autor busca em situações do passado exemplos que elucidam a nova realidade. Ele recupera o histórico de mudanças conceituais de tempo com dois períodos distintos da cultura russa: as reformas de Pedro, o Grande, e a ascensão e queda da União Soviética.

No final do século XVII, Pedro, o Grande, emitiu dois decretos que determinavam que o início do século posterior iniciasse alguns dias depois. O czar tomara a decisão após visitar países da Europa e aprender com eles modos de aumentar o desenvolvimento. Assim, decidiu adotar o calendário europeu, que iniciava o ano em janeiro, contrariando a tradição russa de iniciá-lo em setembro. O objetivo de Pedro não era simplesmente adaptar o relógio soviético ao europeu, mas inculcar na população a idéia de divisão entre tempo religioso e tempo dedicado ao Estado. A atividade do povo passou a ser medida temporalmente, e o próprio Czar fez questão de dar o exemplo, organizando metodicamente um cronograma de trabalho baseado na valorização do tempo.

A idéia de aproveitar o tempo para benefício do Estado desembocou mais tarde nas administrações comunistas da União Soviética do século XX. O chamado “stakhanovismo” representava trabalhar mais por unidade de tempo como benefício à nação. Com isso, “[...] planos de cinco anos eram cumpridos em quatro como prova da capacidade da nova sociedade para a revolução temporal” (CASTELLS, 2000, p. 459). Em maio de 1929, já com a ascensão de Stalin, o Estado soviético tentou radicalizar o processo, com a criação da jornada semanal sem direito a descanso. O objetivo, além de aumentar a produção, era suprimir a prática religiosa

da população. O procedimento fracassou, assim como outras modificações posteriores. As famílias reclamavam que seus horários estavam se tornando incompatíveis, então o governo se viu obrigado a retomar a antiga tradição – até porque percebeu que campo e cidade estavam adotando ritmos temporais diferentes. A tentativa de revolução no conceito de tempo foi barrada pela própria sociedade, em uma prova de que o ritmo temporal norteia a atividade humana.

Para os russos, o tempo sempre foi uma medida a longo prazo. Na década de 90, com a queda do comunismo, a União Soviética (depois, Rússia) ingressou de vez na cronologia do Ocidente, com a idéia de união natural entre tempo e dinheiro. “Com isso, a Rússia uniu-se ao Ocidente no exato momento em que o capitalismo desenvolvido revolucionava sua estrutura temporal” (CASTELLS, 2000, p. 459).

A sociedade tradicional, portanto, tem dificuldades em abandonar o conceito de tempo natural, cronológico. Mas revoluções temporais, quando ocorrem, influenciam decididamente na organização individual e coletiva. Na visão de Castells, é o que está acontecendo agora, com as novas tecnologias modificando substancialmente o conceito de tempo.

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. No entanto, não estamos apenas testemunhando uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais ou, de forma alternativa, o retorno à reversibilidade temporal, como se a realidade pudesse ser inteiramente captada em mitos cíclicos. A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de forma seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno. Afirmo que isso está acontecendo agora não apenas porque o capitalismo se esforça para libertar-se de todas as restrições, já que, apesar de não conseguir materializá-la totalmente, essa tem sido a tendência do sistema capitalista. Nem é suficiente mencionar as revoltas culturais e sociais contra o tempo cronológico, visto que caracterizaram a

história do último século sem realmente reverter seu domínio, na verdade desenvolvendo sua lógica mediante a inclusão da distribuição da vida no contrato social com base no tempo cronológico. A libertação do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura ao relógio são decisivamente facilitadas pelas novas tecnologias da informação e embutidas na estrutura da sociedade em rede (CASTELLS, 2000, p. 460)

O capital, para fluir livremente, precisa livrar-se das barreiras temporais para que o mercado seja efetivamente global. E essa é mais uma característica do tempo intemporal.

3.2 *TIME IS MONEY*: O CASSINO GLOBAL NA LÓGICA DO TEMPO INTEMPORAL

A circulação mundial de capital talvez represente o exemplo mais ilustrativo das facetas do tempo intemporal na lógica do capitalismo contemporâneo. Trata-se de um sistema em tempo real, interligado, que movimentava fortunas em instantes. Tudo a um clique de mouse.

O mesmo capital é transportado de um lado para outro entre as economias em questão de horas, minutos e, às vezes, segundos. Beneficiados pela desregulamentação, desintermediação e abertura dos mercados financeiros internos, poderosos programas computacionais e habilidosos especialistas em computadores/analistas financeiros sentados nos nós globais de uma rede seletiva de telecomunicações literalmente participam de jogos com bilhões de dólares. A principal sala de carteados desse cassino eletrônico é o mercado monetário [...]. (CASTELLS, 2000, p. 461-462)

As ações globais de giro instantâneo de capitais são encabeçadas por multinacionais, bancos, fundos de pensão. São atores – protagonistas – de uma história cujo enredo caminha para o final feliz ou dramático na dependência de uma resposta que precisa surgir o mais rápido possível.

O tempo é crucial para a geração de lucros em todo o sistema. É a velocidade da transação, às vezes com programação computacional automática para tomadas de decisão quase instantâneas, que gera o ganho – ou a perda. (CASTELLS, 2000, p. 462)

O sistema financeiro é dependente das novas tecnologias e, ao mesmo tempo, apropria-se delas para viabilizar a obtenção de mais lucro. A relativização do tempo e do espaço não é, portanto, barreira para o funcionamento da engrenagem financeira, tese apresentada por Castells e compartilhada por Harvey:

[..] as modificações das qualidades do espaço e do tempo podem resultar da perseguição de objetivos monetários. Se o dinheiro não tem um sentido independente do tempo e do espaço, sempre é possível buscar o lucro (ou outras formas de vantagem) alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço (HARVEY, 1996, p. 209).

O sistema é baseado em três fusos horários centrais, Nova York, Londres e Tóquio. Os demais centros organizam-se em torno deles, sempre de olho na hora de abertura e fechamento do mercado. E mais: o tempo é negado ao ponto de o mecanismo admitir negociações que lidem com o que há por vir, como nos mercados de futuros. O destino de uma transação é decidido no desempenho futuro de determinado fator. É uma aposta, quase uma loteria, mas sustentada pelas projeções do computador.

Portanto, o capital não só comprime o tempo: absorve-o e vive da (isto é, gera renda econômica) digestão de seus segundos e anos. As conseqüências materiais dessa digressão aparentemente abstrata sobre tempo e capital são cada vez mais sentidas nas economias e na vida diária de todo o mundo [...] (CASTELLS, 2000, p. 463)

É a lógica capitalista do *time is money*, em que “[...] o incentivo à criação do mercado mundial, para a redução de barreiras espaciais e para a aniquilação do espaço através do tempo, é onipresente [...]” (HARVEY, 1996, p. 212).

Quanto mais fizer no menor intervalo de tempo, melhor: operações eletrônicas, transações via computador, dinheiro de plástico, dinheiro virtual, compras *on-line*, transferências bancárias instantâneas direto do conforto do lar, etc. Tudo integrado e numa lógica que comprime o tempo, tenta eliminá-lo. Barreiras temporais e espaciais são tidas como pré-históricas.

3.3 FLEXIBILIZAÇÃO NO TRABALHO E INDETERMINAÇÃO DO CICLO DE VIDA

A otimização do tempo no mundo do trabalho superou a fase de fazer com que o funcionário produzisse o máximo no menor tempo possível. O sistema *just in time* tornou a produção, na definição de Castells, “enxuta”. Na mesma perspectiva, exemplifica Harvey:

Os telefonistas da AT&T assinam um contrato segundo o qual devem atender um telefonema a cada 28 segundos, os motoristas de caminhão se impõem extremos de resistência e quase morrem tomando pílulas para permanecer acordados, os controladores de voo passam por extremos de tensão, os operários da linha de produção usam drogas e álcool, e isso faz parte de um ritmo diário de trabalho fixado pela obtenção de lucros, e não pela elaboração de escalas de trabalho humanas (HARVEY, 1996, p. 211)

Essa realidade, no entanto, vem sendo substituída por mecanismos mais modernos. As novas exigências lidam com uma idéia de gerenciamento de tempo, com a flexibilização do horário de trabalho. O processo pode ter vertentes variadas: pode pedir ao funcionário que trabalhe mais horas; pode solicitar que os horários trabalhados sejam alternativos; pode, também, trazer a idéia de menos horas de

trabalho, com conseqüente diminuição do salário. “O trabalho é [...] o núcleo da vida das pessoas. Mais especificamente nas sociedades modernas, a jornada de trabalho remunerado estrutura o tempo social” (CASTELLS, 2000, p. 466). É a quantidade de horas trabalhada, sua disponibilidade horária (manhã, tarde ou noite) que direciona a organização individual das pessoas. Daí a luta pela diminuição do tempo de serviço. A luta pela conquista do tempo livre passa por essa idéia.

A tecnologia funciona como ferramenta da reorganização empresarial em torno da flexibilização da carga horária de trabalho. As funções exercidas pelos empregados em uma mesma empresa seguem inter-relacionadas, às vezes com multiplicidade de tarefas para o mesmo funcionário, mas o horário de desenvolvimento delas é variado.

Embora o trabalho continue integrado, a sociedade tende a sua desfragmentação em conseqüência do desenvolvimento incontrolável de temporalidades contraditórias dentro da mesma estrutura (CASTELLS, 2000, p. 469)

A flexibilização do trabalho, aliado ao ingresso da mulher no mercado, forma uma estrutura heterogênea que influencia nos padrões familiares. Preocupações trabalhistas históricas, como desemprego e valorização salarial, agora dividem espaço com outra realidade, esta mais complexa: a indeterminação do horário de trabalho. Outro ponto levantado por Castells diz respeito à diminuição do tempo de serviço, ou seja, da quantidade de anos trabalhados. Dependendo da força do fenômeno, o número de anos disponibilizados ao trabalho não seria tão impactante, e o tempo de serviço perderia centralidade nas definições da vida em um âmbito geral. O problema daí decorrente é a modificação que isso representaria na estrutura de aposentadorias e assistência médica. A desigualdade na proporção de contribuintes ativos e inativos seria tanta em comparação aos modelos vigentes, que

seria necessária a criação de uma espécie de pacto social, com vistas a evitar o colapso do sistema de benefícios governamentais.

Nessa perspectiva, o aumento do ciclo de vida constitui fator essencial. Várias questões dos tempos modernos, como os avanços da medicina e da ciência, fazem com que o tempo médio de vida seja aumentado. Castells vai além: “Proponho a hipótese de que a sociedade em rede caracteriza-se pela ruptura do ritmo, ou biológico ou social, associado ao conceito de um ciclo de vida” (CASTELLS, 2000, p. 472). Ele cita a velhice como exemplo. Se antes a idade era vista como o fim da vida, hoje pode ser dividida em faixas variadas.

Então, de repente, a terceira idade se estende na direção de grupos mais jovens e mais velhos e redefine de forma substancial o ciclo de vida de três modos: contesta a saída do mercado de trabalho como critério definidor, visto que, para uma grande proporção da população, cerca de um terço da vida pode ocorrer depois disso; diferencia os idosos fundamentalmente em termos de seu nível de limitação, nem sempre relacionado à idade, portanto, de certa forma assimilando sua condição de inválidos a outros grupos de deficientes mais jovens, conseqüentemente produzindo uma nova categoria social; e obriga a distinção entre várias faixas etárias, cuja diferenciação real dependerá muito do capital social, cultural e relacional acumulado durante a vida. Dependendo de cada uma das variáveis, os atributos sociais dessas diferentes terceiras idades apresentarão discrepâncias consideráveis, derrubando, portanto, a relação entre condição social e estágio biológico que fundamenta o ciclo de vida (CASTELLS, 2000, p. 473)

A divisão clássica entre jovem, adulto e idoso não é mais simples de ser delimitada. O ciclo de vida está sendo fragmentado, desde o aumento na quantidade de anos vividos até a indeterminação de acontecimentos outrora limitados a idades específicas.

[...] Caminhamos para a eliminação definitiva dos nítidos limites do fundamento biológico contido no conceito de ciclo de vida. Pessoas de 60 anos com filhos bebês; filhos de diferentes casamentos com irmãos 30 anos mais velhos sem faixa etária intermediária; homens

e mulheres que decidem procriar com ou sem cópula, em qualquer idade; avós dando à luz o bebê originado no óvulo de sua filha [...]; bebês póstumos; e uma lacuna crescente entre as instituições sociais e as práticas reprodutivas (CASTELLS, 2000, p. 474)

Indispensável, neste ponto da monografia, destacar um trecho da obra de Castells que, embora simplesmente reafirme o que já foi tratado, serve (por uma questão não só de conteúdo, mas também de qualidade estilística) para justificar a escolha desse autor como eixo desse estudo.

São tendências sociais crescentes, cuja difusão tecnológica e cultural parece irreprimível, exceto sob as condições de uma nova teocracia. E a consequência direta é outra forma de invalidação do tempo, do tempo biológico humano, do ritmo temporal mediante o qual nossa espécie tem sido regulada desde suas origens. Independentemente de nossa opinião, talvez tenhamos que viver sem o relógio que avisava nossos pais quando deviam procriar-nos e que nos dizia quando e como legar nossa vida a nossos filhos, e se devíamos fazê-lo. *Um ritmo biológico secular foi substituído por um momento de decisão existencial* (CASTELLS, 2000, p. 474-477) [grifo nosso]

Se até o ritmo biológico humano é afetado pelas novas temporalidades, torna-se mais palpável a idéia de que o jornalismo também está inserido nesse processo.

3.4 A NEGAÇÃO DA MORTE

A linearidade temporal da vida tem a morte como ponto derradeiro. Seja ela vista como a suprema vontade divina, seja ela desafiada como a maior das barreiras a ser superada pelo homem, a morte é questão central no estudo do tempo. E representa mais uma das facetas do tempo intemporal, sustentáculo da revolução da tecnologia da informação. Revolução que também se sustenta na medicina, com a busca pelo prolongamento máximo da vida, com a caça à destruição das barreiras

médico/biológicas. É uma espécie de procura pelo infinito, nem que esse infinito assim o seja apenas enquanto dure, como compôs Vinicius de Moraes.

É uma característica distintiva de nossa cultura, a tentativa de banir a morte de nossa vida. Embora a matriz dessa tentativa advinha da crença racionalista no progresso todo poderoso, são as descobertas extraordinárias da tecnologia médica e da pesquisa biológica [...] que fornecem base material para a mais antiga aspiração da humanidade: viver como se a morte não existisse, apesar de ser nossa única certeza (CASTELLS, 2000, p. 478)

A revolução biológica levou as ciências médicas a adotarem dois procedimentos básicos em se tratando de saúde: a prevenção máxima e a luta enquanto for possível. No primeiro caso, trata-se de uma batalha em busca da saúde constante, do bem-estar, em uma campanha governamental, empresarial e midiática em prol da vida saudável, que tem por fundo questões mais comerciais do que efetivamente de saúde pública. “[...] uma proporção crescente das pessoas gastam bastante tempo, dinheiro e energia psicológica ao longo da vida, perseguindo modismos relacionados à saúde, utilizando-se de meios [...] pouco diferentes dos tradicionais rituais xamanísticos” (CASTELLS, 2000, p. 478-479)

O segundo caso trata da luta incessante da ciência médica em evitar ou adiar a morte tanto quanto o limite humano suportar. Castells alerta que se trata muito mais de uma questão de orgulho médico e resistência ao inevitável do que de uma lógica capitalista, se bem que sustentado pelos avanços tecnológicos inerentes ao capitalismo. A tentativa – às vezes com sucesso – de negar a morte ao extremo é o exemplo mais drástico da indeterminação do ciclo de vida, noção essencial ao conceito de tempo intemporal.

A tendência predominante nas sociedades, como expressão de nossa ambição tecnológica e em concordância com nossa

comemoração do efêmero, é apagar a morte da vida ou torná-la inexpressiva pela sua representação repetida na mídia, sempre como a morte do outro, de forma que a nossa própria seja recebida com a surpresa do inesperado. Separando a morte da vida e criando o sistema tecnológico para fazer que esta crença dure o suficiente, construímos e eternidade durante nossa existência. Assim, tornamos eternos exceto por aquele breve momento quando somos rodeados pela luz (CASTELLS, 2000, p. 480-481)

A negação da morte também estabelece relação com o fato de a sociedade, em linhas gerais, não querer mais ver cidadãos comuns deixando a vida em campos de batalha. A sociedade que nega a morte também nega a guerra, como se vê a seguir.

3.5 GUERRAS SUPERACELERADAS

O tempo em que os conflitos entre nações se arrastavam por anos, talvez décadas, faz parte do passado. Hoje, pensando-se no mundo dito desenvolvido, não existe mais a imagem clássica de exércitos marchando quilômetros e quilômetros para cumprir seu objetivo bélico. A guerra sofreu um processo de superaceleração com a revolução das tecnologias de informação. Avanços tecnológicos sempre andaram no mesmo ritmo de avanços militares. A própria Internet nasceu de uma estratégia de defesa.

A superaceleração das guerras tem, por outro lado, relação com a idéia de negação da morte. Um conflito, para ser aceito pela população, deve ser o mais reservado possível, preferencialmente sem a participação de civis. Com o avanço dos equipamentos de guerra e das estratégias militares, tornou-se possível utilizar um número menor de profissionais, restringindo a efetiva presença de homens no campo de batalha.

Sob a nova temporalidade dos conflitos armados, ocasionada pela convergência da tecnologia e da pressão das sociedades civis nos países desenvolvidos, parece provável que a guerra recue ao segundo plano nas sociedades dominantes para periodicamente estourar como um lembrete repentino da natureza humana (CASTELLS, 2000, p. 483)

Tal realidade é aplicada a países desenvolvidos e representa, portanto, uma nova forma de dominação. Enquanto conflitos são resolvidos no aperto de um botão, guerras históricas seguem sendo travadas a pau e pedra em localidades mais afastadas dos centros econômicos desenvolvidos. O avanço tecnológico (que otimiza a guerra) e a exigência social (que não aceita a guerra) não são privilégios de todos.

3.6 TEMPO VIRTUAL: A CULTURA DO INSTANTÂNEO E DO INTEMPORAL

Todos os fatores analisados nos tópicos deste capítulo, e tão bem desenvolvidos por Manuel Castells em *A Sociedade em Rede*, estão interligados pelo que o autor chama de tempo intemporal. Trata-se de uma nova lógica que, auxiliada pelas tecnologias incipientes, cria o cenário da mudança da relação entre tempo e sociedade. Nesse contexto, adquire destacada importância para este estudo a idéia de tempo virtual. “A cultura da virtualidade real associada a um sistema multimídia eletronicamente integrado [...] contribui para a transformação do tempo em nossa sociedade de duas formas diferentes: simultaneidade e intemporalidade” (CASTELLS, 2000, p. 486)

A simultaneidade nasce da idéia do tempo real, com fatos históricos de importância inegável sendo transmitidos ao vivo. Thompson, na mesma linha de Castells, explica:

Com o advento da disjunção entre espaço e tempo trazida pela telecomunicação, a experiência de simultaneidade separou-se de seu condicionamento espacial. Tornou-se possível experimentar eventos simultâneos, apesar de acontecerem em lugares completamente distintos. Em contraste com a concretude do aqui e agora, emergiu um sentido de “agora” não mais ligado a um determinado lugar. A simultaneidade ganhou mais espaço e se tornou finalmente global em alcance (THOMPSON, 2002, p. 37)

Boa parte do planeta viu o fim do Estado soviético no exato momento em que o evento ocorria – assim como, alguns anos depois, presenciou em tempo real a Guerra do Golfo, o 11 de Setembro, a Invasão do Iraque. “A televisão de massa associada com a comunicação por satélite possibilita a experiência de uma enorme gama de imagens vindas de espaços distintos quase simultaneamente, encolhendo os espaços do mundo numa série de imagens de uma tela de televisão” (HARVEY, 1996, p. 264). É uma revolução temporal e comunicativa em que o “fazer história pode ser diretamente testemunhado, desde que seja considerado suficientemente interessante pelos controladores da informação” (CASTELLS, 2000, p. 486). Vive-se um novo momento em que as perspectivas tradicionais de tempo e espaço foram alteradas pela capacidade tecnológica da comunicação.

Alguns se referiram, há alguns anos, a um *buraco no espaço* e outros, mais recentemente, a um *buraco no tempo*, o tempo real da transmissão instantânea de acontecimentos históricos, em espacial da Guerra do Golfo. Esta hesitação semântica me parece característica da perturbação da percepção que de agora em diante afeta nossas sociedades diante do progresso das teletecnologias e do declínio de importância da ótica geométrica, *ótica passiva* do espaço da matéria (do vidro, da água ou do ar) e que, no fim das contas, só diz respeito à proximidade imediata do homem (VIRILIO, 1995, p. 101) [grifo do autor]

Não só a informação, mas também os diálogos ganharam o advento do *real time*. As barreiras temporais outrora existentes foram minimizadas com a Internet, em um processo que já vinha desde o surgimento do telefone, mas que agora

ganhou em comodidade com as conversas instantâneas via *chats* ou programas de bate-papo individual (ICQ, MSN, etc). Limites espaciais, dificuldades naturais determinadas pelas fronteiras, não fazem parte da rede mundial de computadores. O sistema é mais prático e inclusive mais rápido, principalmente em se tratando de conversas entre pessoas que estejam em países diferentes. Como definiu Thompson (2002, p. 36), “[...] a disjunção entre o espaço e o tempo preparou o caminho para uma outra transformação, estreitamente relacionada com o desenvolvimento da telecomunicação: *a descoberta da simultaneidade não espacial*”. [grifo do autor]

Instantaneidade de um lado, intemporalidade de outro. O tempo deixou de ser linear para entrar em um universo de circulação indeterminada.

A mistura de tempos na mídia dentro do mesmo canal de comunicação, à escolha do espectador/interagente, cria uma colagem temporal em que não apenas se misturam gêneros, mas seus tempos tornam-se síncronos em um horizonte aberto sem começo, nem fim, nem seqüência” (CASTELLS, 2000, p. 486)

Para Castells, esse novo tempo é, ao mesmo tempo, eterno e efêmero. Eterno porque é capaz de englobar, informacionalmente, as expressões culturais do passado e colocá-las em diálogo com o que há por vir. E efêmero porque depende do objetivo que cada contexto demanda para ser posto em prática. Cria-se, assim, uma lógica que nega os limites históricos do tempo, que nega o próprio tempo.

O tempo é comprimido e, em última análise, negado na cultura como uma réplica primitiva da rápida movimentação de produção, consumo, ideologia e políticas em que nossa sociedade é baseada. Uma velocidade só possibilitada pelas novas tecnologias de comunicação (CASTELLS, 2000, p. 487)

O universo do não-tempo não deve ser visto, contudo, como uma marionete do mundo capitalista. A negação da temporalidade tradicional parte, também, do avanço da própria sociedade, hoje interessada na junção, na colagem, na união, na interdisciplinaridade. “As práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais; elas sempre exprimem algum tipo de conteúdo de classe ou outro conteúdo social, sendo muitas vezes o foco de uma intensa luta social” (HARVEY, 1996, p. 218).

Esse contexto faz parte da lógica pós-moderna de buscar a apropriação de tudo aquilo que estiver ao alcance, de experimentar tudo. “O tempo eterno/efêmero da nova cultura adapta-se à lógica do capitalismo flexível e à dinâmica da sociedade em rede, mas acrescenta sua camada poderosa, instalando sonhos individuais e representações coletivas em um panorama mental atemporal (CASTELLS, 2000, p. 488).

A força revolucionária dessas novas tecnologias é, portanto, um processo natural dentro de um contexto em que a própria sociedade clama por avanços. O que o capitalismo fez foi apropriar-se da nova lógica.

3.7 A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, MÃE DO TEMPO INTEMPORAL

O tempo intemporal não foi fruto de geração espontânea. Para ganhar forma, essa nova noção de tempo precisou de uma origem, no caso, uma revolução tecnológica, informacional e comunicativa. Castells acredita que o final do século XX representou uma mudança cultural capaz de criar um novo paradigma para a sociedade, que se viu “obrigada” a agir rápido para incorporar uma revolução

tecnológica talvez sem precedentes. Trata-se de uma ruptura que lida com um conceito básico de toda a humanidade: a informação.

O advento de novas tecnologias de comunicação, principalmente o computador, é a ferramenta essencial para a revolução das tecnologias de informação. É um processo de concentração e rápida transmissão de informações que veio sendo moldado há séculos, mas ganhou força nos anos 70, conforme explica Castells.

[...] a primeira Revolução em Tecnologia da Informação concentrou-se nos Estados Unidos e, até certo ponto, na Califórnia nos anos 70, baseando-se nos progressos alcançados nas duas décadas anteriores e sob a influência de vários fatores institucionais, econômicos e culturais. Mas não se originou de qualquer necessidade preestabelecida. Foi mais o resultado de indução tecnológica que de determinação social. Todavia, uma vez que começou a existir como sistema com base na concentração descrita, o desenvolvimento dessa revolução, suas aplicações e, em última análise, seu conteúdo foram decisivamente delineados pelo contexto histórico em que se expandiu (CASTELLS, 2000, p. 69)

Foi um processo até certo ponto natural. Castells não acredita que o novo paradigma tecnológico tenha alguma relação com os problemas econômicos vividos pelos Estados Unidos nos anos 70, por causa da crise do petróleo. O autor tampouco vê ligação com alguma tentativa por parte dos norte-americanos de mostrar aos rivais soviéticos o poder de realização tecnológica e, no mesmo ritmo, militar do país.

Nenhuma das explicações parece ser convincente. Embora haja coincidência histórica entre a concentração de novas tecnologias e a crise econômica da década de 70, sua sincronia foi muito próxima, e o “ajuste tecnológico” teria sido demasiadamente rápido e mecânico quando comparado ao que aprendemos com as lições da Revolução Industrial e de outros processos históricos de transformação tecnológica [...] (CASTELLS, 2000, p. 68)

É uma transformação tão impactante para a sociedade, para o comportamento diário, para as relações de trabalho e para a comunicação, que Castells estabelece uma ligação, em termos de importância histórica, com a Revolução Industrial.

O exagero profético e a manipulação ideológica que caracteriza a maior parte dos discursos sobre a revolução da tecnologia da informação não deveria levar-nos a cometer o erro de subestimar sua importância verdadeiramente fundamental. Esse é [...], no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura (CASTELLS, 2000, p. 50)

O autor ressalva, no entanto, algumas mudanças no que se refere a sua capacidade de difusão. Ele afirma que, ao contrário da Revolução Industrial,

[...] as novas tecnologias da informação difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz em menos de duas décadas [...] por meio de uma lógica que [...] é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação (CASTELLS, 2000, p. 52)

São várias as características dessa revolução, todas esmiuçadas por Castells (p. 78-79). A primeira delas é que, no novo paradigma tecnológico, a informação é a matéria-prima, o que torna o processo mais complexo que o da Revolução Industrial. Antes, eram informações que criavam tecnologia; agora, são tecnologias agindo sobre a informação.

Como a informação é elemento essencial da vida moderna, ela traz uma outra faceta intrínseca à revolução: sua penetrabilidade. Trata-se de um silogismo dos

mais simples: se a informação faz parte da engrenagem humana moderna e a revolução tecnológica lida diretamente com a informação, fica visível que o ser humano é afetado (penetrado) por essa revolução.

E cria-se, em torno dessa nova realidade, uma lógica de redes. Os sistemas informacionais estão ligados, conectados, rompendo barreiras espaciais e temporais. O exemplo mais palpável é a Internet.

Essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada. E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana (CASTELLS, 2000, p. 78)

Dentro dessa noção de rede, a flexibilidade seria outra característica importante, como define Castells: “O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional” (2000, p. 78). E a rede, paralelamente, acaba convergindo tecnologias específicas que gravitam ao redor de um núcleo. Em resumo, o que há de moderno em tecnologia funciona de forma integrada com outros meios. O computador não é mais um mero computador, mas telefone, central bancária, ilha de produção e mixagem, etc. Ou, reproduzindo o exemplo de Castells, “avanços decisivos em pesquisas biológicas, como a identificação dos genes humanos e segmentos do DNA humano, só conseguem seguir adiante por causa do grande poder da informática” (2000, p. 79).

Todas essas facetas moldam aquilo que o autor chama de revolução da tecnologia da informação, que, por sua vez, sustentará a idéia de tempo intemporal,

o cerne deste estudo. Trata-se de uma ruptura cujo poder parece se avolumar a cada ano, com uma tecnologia básica que vai criando novidades em cima de novidades, em um processo que parece não ter fim. É uma estrutura tão ligada ao cotidiano humano que fica difícil perceber sua verdadeira dimensão. Porque, como afirmou-se na introdução desta monografia, às vezes é preciso tempo (e distanciamento) para que se possa avaliar a força de uma transformação. O que não inviabiliza estudos como o de Castells, com coragem suficiente para, de certa forma, se adiantar à História e suscitar questões fundamentais no momento em que elas estão vindo à tona.

Então, o que é um sistema de comunicação que, ao contrário da experiência histórica anterior, gera virtualidade real? É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. Todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque este é tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente e futuro [...] (CASTELLS, 2000, p. 395)

Passado, presente, futuro. Vários tempos, nenhum tempo. Difícil não lembrar de *O Aleph*, conto que dá nome a uma das mais clássicas obras do argentino Jorge Luis Borges. No porão de uma casa, um ponto no décimo-nono degrau da escada permitia que o mundo inteiro, em todos seus tempos, pudesse ser visto ali.

Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor. A princípio, julguei-a giratória; depois, compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. *O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho* (BORGES, 2001, p. 170) [grifo nosso]

A magia da Literatura confunde-se com a nova realidade. *O Aleph* se restringe às fantasias de Borges, mas o que hoje podemos fazer com a Internet seria encarado como ficção científica se fosse explicado a alguém no início do século passado. Porque na tela do computador, o fuso horário do jovem tailandês que flerta com a jovem canadense em algum programa de bate-papo *on-line* sobrepõe-se ao tempo físico (noite para ele, dia para ela, mas a conversa é instantânea). Qual é, afinal, o *time* do *real time*? O tempo do evento que está sendo transmitido ao vivo ou o do leitor que, do outro lado do mundo, não tira os olhos do computador? Questões de difícil resposta, sem dúvida. E questões que atestam a importância do estudo sobre o tema. O tempo intemporal talvez seja real, talvez virtual, talvez ambos.

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade (CASTELLS, 2000, p. 397)

Thompson (2002) parte da mesma idéia, e diz que a mudança do que ele chama de “meios técnicos” é decisiva na (re)organização da sociedade.

Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, o uso dos meios técnicos também altera as condições de espaço e de tempo sob os quais os indivíduos exercem o poder: tornam-se capazes de agir e interagir à distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo. O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas formas de usar o tempo e o espaço para os próprios fins. O desenvolvimento de novos meios técnicos pode também aprofundar o impacto com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social (THOMPSON, 2002, p. 29)

A nova realidade tecnológica exige capacidade de adaptação a cada indivíduo que queira participar do processo de forma sustentável, principalmente dentro da perspectiva de mundo competitivo que o capitalismo carrega.

3.8 JORNALISMO INTEMPORAL: A NOTÍCIA NA ERA DA INTERNET

A chegada da Internet teve dois impactos diretos na produção jornalística. Primeiro, com o advento do jornalismo *on-line*, uma nova forma de lidar com a notícia. Segundo, com a apropriação, por parte dos *media* tradicionais, dessa nova realidade. Tanto um quanto o outro traz a idéia de superaceleração do tempo em sua raiz. A força da notícia via Internet está no poder de atualização, na instantaneidade – que interessa tanto ao público ávido por novidades quanto aos jornalistas nas redações. A lógica do tempo real, fetiche da atualidade, não poderia escapar ao jornalismo.

As empresas de comunicação viram na Internet uma nova área de investimento, ou para lucrar mais, ou para manter a competitividade com os adversários no mercado. Assim, criou-se uma quarta forma de comunicação social, incorporada à tradição do rádio, da televisão e do jornalismo impresso. A Internet veio para remodelar a prática jornalística.

A expansão e globalização das redes telemáticas, com particular relevo para rede de redes mundial Internet, assume actualmente repercussões assinaláveis no mundo do jornalismo. Empresas

jornalísticas tradicionais, com naturais diferenças de escala e de ritmo, investiram gradualmente no novo meio, quer colocando à disposição dos jornalistas terminais com ligação à rede, de modo a esta poder assistir o trabalho jornalístico, quer apostando na produção de edições digitais, para o que necessitaram, em certos casos, de preparar novos profissionais, com novas e diferentes aptidões técnicas (BASTOS, 2000, p. 11)

A busca da instantaneidade extrema é a representação mais clara, para o jornalismo, da mudança do conceito de tempo ocorrida com o advento das novas tecnologias, em especial a Internet. Com o aumento da frequência na atualização das notícias, há um bombardeio de informações, sempre com novos detalhes, curiosidades. Somado a isso, o rompimento virtual das barreiras espaciais favorece a propagação de uma quantidade cada vez maior de informações advindas dos mais distintos cantos do planeta.

O fornecimento de informações está a expandir-se, ao mesmo tempo que o tempo disponível para o seu consumo se mantém mais ou menos constante. A velocidade a que a informação circula na sociedade aumenta exponencialmente (BASTOS, 2000, p. 60)

A circulação das notícias foi facilitada com a Internet. Sua propagação ganhou em agilidade. Um fato significativo, passível de ser noticiado por qualquer jornal do mundo, não tem sua relevância ampliada com a rede mundial. Ele é publicado hoje por ser de interesse do leitor, exatamente como ocorria na era pré-Internet. A diferença, agora, é a capacidade de abastecimento dos jornalistas, das redações, com a facilidade trazida pelas novas tecnologias. A atualização, com a Internet, é constante, passo a passo, embora em conteúdo possa, no fim das contas, não diferir das agências de notícias. Além disso, o www traz outras vantagens práticas, pois tem capacidade de ir além do texto. Gráficos, fotos, até vídeos circulam praticamente na mesma velocidade do texto.

O que muda no tempo da internet – daí a expressão tempo real – é a quantidade de informações que pode ser transmitida num determinado tempo. Na internet não há limites para essa quantidade. Se uma pequena mensagem pode ser transmitida por telégrafo e pela www quase na mesma velocidade, o mesmo não acontece com uma reportagem jornalística de cinco laudas, ou com os originais de um livro de 200 páginas. [...] Em segundo lugar, pela internet podem ser transmitidos todos os tipos de informações, não apenas gráficas, mas também algébricas, numéricas, sonoras, imagéticas, tudo num mesmo suporte operacional (KUCINSKI, 2005, p. 74)

A idéia de tempo e velocidade está atrelada ao jornalismo. No *deadline*, a pressão é temporal. O jornal deve fechar em um horário específico para que chegue às bancas ou na casa dos leitores na devida hora. Para “furar” o concorrente, o jornalista precisa ser ágil e largar a matéria o quanto antes. Caso contrário, terá de dar boas explicações ao chefe. Essas são características clássicas do jornalismo. E que já existiam antes da Internet. Mas agora, com a rede mundial, o processo ganhou nova dimensão. A idéia de “tempo real” incute a superaceleração da transmissão de informações. Não há mais tempo para a notícia ser digerida, estudada.

O problema é que a aceleração do tempo jornalístico confronta-se com um dos princípios básicos da profissão: a apuração. O jornalismo “afobado” atende a uma demanda muito mais comercial do que social. E o jornalista deixou de ser o ourives da notícia para funcionar mecanicamente. Tratar o texto, consultar as fontes, checar as informações, tudo isso é dificultado ao extremo, quase inviabilizado, no jornalismo em “tempo real”. Para Kucinski, “há no jornalismo *on line* a primazia da velocidade sobre outros atributos da informação, tais como precisão, contextualização e interpretação. Esses atributos são sacrificados em nome da velocidade” (KUCINSKI, 2005, p. 97).

A precipitação, principal marca do jornalismo “afobado”, anula questões outrora essenciais na prática jornalística.

O ritmo veloz de produção gera [...] conseqüências importantes: obriga o repórter a divulgar informações sobre as quais não tem certeza; reduz, quando não anula, a possibilidade de reflexão no processo de produção da notícia, o que não apenas aumenta a probabilidade de erro como, principalmente e mais grave, limita a possibilidade de matérias com ângulos diferenciados de abordagem, capazes de provocar questionamentos no leitor; e, talvez mais importante, praticamente impossibilita a ampliação do repertório de fontes, que poderiam proporcionar essa diversidade (MORETZSOHN, 2002, p. 70)

E isso não diz respeito apenas ao profissional que trabalha na *web*. Os jornalistas de outros veículos, pela realidade multimídia que hoje norteia o jornalismo, também acabam obrigados a adaptar seu modo de trabalhar ao novo sistema. O repórter de jornal impresso que sai à rua para fazer uma matéria não se limitará – dependendo da empresa onde trabalhe – a voltar para a redação e redigir seu texto. Antes, estará sujeito e transmitir um boletim para a rádio (o quanto antes) ou enviar as informações principais (no instante em que recebê-las) para publicação no site da empresa. Se sua rotina de trabalho na redação já exigia certa agilidade por causa do *deadline*, agora o processo foi superacelerado. O tempo é otimizado no exercício do jornalismo.

[...] A vantagem que o repórter de jornal impresso poderia ter em relação ao que trabalha em meios eletrônicos desaparece: se antes havia condições de retornar à redação para redigir a matéria até o horário de fechamento, hoje é preciso fornecer *flashes* para o serviço “em tempo real” do jornal e, quando for o caso, também para boletins radiofônicos (MORETZSOHN, 2002, p. 137).

O material produzido para a *web* é, muitas vezes, usado como fonte nas redações. Disso decorre um outro problema relacionado à instantaneidade do *www*.

Será o material disponibilizado na rede mundial fidedigno o suficiente para ser utilizado, no dia seguinte, por um jornal impresso, por exemplo? Será que a produção desse material, exatamente pela velocidade que demanda, não está recheada de vícios, como falta de apuração, principalmente? O jornalismo vive uma fase de agravamento de uma histórica via de duas mãos: em uma direção, a velocidade que o mercado exige; na outra, os princípios básicos da ética e precisão jornalística.

[...] as contradições entre, de um lado, uma estrutura que favorece a precipitação e a aposta em “prognósticos” como valor de atualidade e, de outro, o respeito a regras que exigem um distanciamento (e, portanto, alguma desaceleração) para a apuração rigorosa da notícia, é tão antiga quanto a própria constituição da imprensa como atividade industrial. Agora, na era do “tempo real”, essas contradições tendem a se agravar, e a se “resolver” pela eliminação de um dos termos do problema – a necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas –, pois “qualquer explicação serve”⁷ para sustentar a notícia transmitida instantaneamente (MORETZSOHN, 2002, p. 128).

A Internet é uma ferramenta cuja utilidade para o jornalista talvez seja sem precedentes. O mundo está ali, na tela do computador – quase um Aleph. Difícil imaginar um tema que não conste na rede. Ou seja, a Internet proporciona meios de o jornalista incrementar seu material. Para isso, no entanto, deve tomar os cuidados ressaltados anteriormente. Como observa Bastos,

O novo medium tem para oferecer ao jornalismo uma multiplicidade de conteúdos e ferramentas que se revelam úteis na concretização de determinadas rotinas atinentes à prática jornalística. Ao nível dos conteúdos, a Internet serve de suporte a uma gigantesca biblioteca planetária em permanente actualização, abarcando praticamente todas as áreas do conhecimento, característica que se revela fulcral para os profissionais que trabalham na área da informação (BASTOS, 2000, p. 69)

⁷ A expressão “qualquer explicação serve” refere-se a um artigo de Luis Fernando Verissimo em que ele diz que “vivemos em um tempo maluco em que a informação é tão rápida que exige explicação instantânea e tão superficial que qualquer explicação serve”.

A superaceleração do tempo no jornalismo não é um fato isolado. É, isso sim, uma realidade que reflete a rotina econômica e industrial trazida pelo capitalismo. A idéia de otimização da produção, antes de chegar ao jornalismo, foi fomentada em outras áreas. Hoje, as grandes empresas de comunicação, em termos gerais, estão inseridas na lógica da etapa neoliberal do capitalismo. Logo, impõem essa lógica no processo de produção jornalística. As redações passam a viver a temporalidade do próprio mercado financeiro, como explica Kucinski:

Com o jornalismo *on line*, a aceleração do tempo provocada pelo domínio da especulação financeira sobre as demais atividades econômicas migrou para o processo de produção das notícias, levando a uma aceleração correspondente do tempo jornalístico. Assim, o jornalismo *on line* reflete o triunfo do capital financeiro não só sobre a economia, também sobre o processo de produção da notícia (KUCINSKI, 2005, p. 97)

Especulação financeira, especulação jornalística. A mídia, já inserida na idéia de *business*, não ficaria afastada de outra famosa lógica, a do *time is money*. E a mercadoria, nesse caso, é a informação. Instantânea, abundante e sem barreiras.

A “nova utopia tecnológica”, no dizer de Ignácio Romanet, é a internet e sua possibilidade de interligar o mundo com informações em tempo real e fluxo contínuo, exatamente como opera o mercado financeiro. Como a maioria dos grandes jornais, no mundo todo, já pertence a megagrupos de comunicação, não há como analisar a prática do jornalismo fora desse contexto (MORETZSOHN, 2002, p. 128)

Resta indagar, entretanto, se essa abundância de informação, de conteúdo, significa também aumento na qualidade jornalística. O jornalismo impresso, com suas peculiaridades, é efetivamente influenciado pela Internet? Não será inútil, no fim das contas, grande parte do material noticioso disponibilizado na *web*? Essas

são questões essenciais neste estudo, e que serão tratadas de forma mais detalhada no próximo capítulo, no qual se analisa a Editoria Mundo de *Zero Hora* antes e depois da chegada da Internet.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DA EDITORIA MUNDO DE ZH EM 1985 E 2005

Neste capítulo, analisa-se a influência da superaceleração do tempo na Editoria Mundo de *ZH* antes e depois do advento da Internet. Faz-se isso comparando uma semana de publicação do periódico em 1985 e outra em 2005. Procura-se ver se houve mudança significativa na atualização do material publicado, por considerar-se ser esta uma das formas de verificação da presença da Internet, um dos fatores de superaceleração do fluxo de informações. Paralelamente, avalia-se a quantidade de notícias publicadas nos períodos pré e pós-*www*. Assim, entende-se ser possível analisar se a maior quantidade de informações disponibilizada pela *web* se reflete ou não nas páginas de *ZH*.

Para tanto, fez-se um estudo sobre o material publicado pela Editoria Mundo. O período selecionado foi o mesmo em 1985 e em 2005: de 7 a 13 de novembro, fechando as sete edições semanais da publicação. Quantificou-se o montante de matérias, a disponibilidade de páginas e a quantidade de anúncios. Feito um cálculo simples (número de matérias por edição dividido pelo total de páginas), estabeleceu-se uma média relativa à quantidade de matérias por página nos dois períodos.

A análise da atualização do material publicado também limita-se aos mesmos períodos. A leitura de cada uma das matérias permitiu verificar se houve mudança na capacidade de atualização das notícias com a chegada da Internet. Além disso, estabeleceu-se uma quantificação quanto à origem das informações – se são notícias vindas da Europa, da África, da América Latina, do Oriente Médio. Assim, analisou-se se as novas tecnologias facilitam o acesso a informações originadas em

locais afastados dos grandes centros. Para não restringir o estudo às análises feitas sobre o papel, complementarmente recorreu-se a entrevistas com dois jornalistas conhecedores da realidade da Editoria Mundo de *ZH*: Rodrigo Lopes, atual editor assistente, e Raul Rubenich, editor em 1985. O depoimento deles mostra-se essencial para a compreensão dos fenômenos, assim como para a descrição das rotinas produtivas da Editoria em 1985 e 2005.

4.1 MAIS DO MESMO: A BANALIZAÇÃO DA NOTÍCIA NA INTERNET

Antes de se avaliar as mudanças ocorridas na Editoria Mundo nos dois períodos, deve-se discutir algumas questões relativas à qualidade do material publicado na Internet e seu possível aproveitamento em um jornal impresso. Com a força das agências, não estará a Internet apenas publicando mais do mesmo? Será que a rede mundial traz novidades de conteúdo, passíveis de publicação, ou apenas agiliza a chegada da informação que logo depois será trazida pelas agências? Bernardo Kucinski acredita ter resposta para essa questão:

O chamado *jornalismo on line* é [...] um conceito-fetice, porque não explica o que mudou ou não na prática jornalística em função da internet. Esse jornalismo não se distingue do serviço tradicional de agências de notícias sob o aspecto da atualidade da informação, mas definiu-se um novo ritmo de abastecimento de notícias, no qual os fatos vão sendo narrados continuamente, em textos curtos e pouco acabados, à medida que vão acontecendo [...]. Esse jornalismo *on line* funciona como uma agência de notícias provisória, que pauta os outros meios de comunicação, ao mesmo tempo que funciona como leitura final para o usuário da internet (KUCINSKI, 2005, p. 77)

Os apontamentos de Kucinski relativizam o impacto da Internet no jornalismo impresso. Se o que é publicado pela rede mundial não difere, em conteúdo, do

material que chega via agências, pouco mudou nos períodos pré e pós-Internet em se tratando de publicação de notícias nos jornais, exceto pelas ocorrências excepcionais de fatos que “estouram” perto do fechamento da edição. Nesse caso, a agilidade de abastecimento da Internet favorece a imediata atualização do material que irá para as rotativas.

Kucinski (2005) menciona outro aspecto fundamental nessa análise. Ele diz que o jornalismo *on-line* serve, de um lado, para pautar os meios de comunicação, e de outro como leitura final por parte do internauta. Levando-se em conta que, por causa das agências, a atualização na Internet é muito forte no âmbito do noticiário internacional, o leitor que costuma navegar com frequência poderá perder interesse pelo que for publicado pelo jornal no dia seguinte, pois será um material defasado. As editorias de Mundo, por mais paradoxal que pareça, podem perder em atração justamente por causa da Internet. Em se tratando de outras áreas, como Geral e Polícia, o possível prejuízo é amenizado, já que não têm uma cobertura *on-line* tão presente.

4.2 A QUANTIDADE DE NOTÍCIAS NA EDITORIA MUNDO DE ZH

A idéia inicial de que a maior facilidade no acesso às informações representaria um acréscimo na quantidade de notícias publicadas pela Editoria Mundo de ZH acabou refutada pela análise quantitativa da publicação em 1985 e 2005. Verificou-se que, em duas décadas, o número de páginas reservadas a notícias internacionais variou pouco em *Zero Hora*, mas a quantidade de matérias diminuiu. Antes de se levantar justificativas para tal fato, deve-se analisar os números.

No estudo da semana correspondente a 1985 (*ver quadro abaixo*), de 7 a 13 de novembro, constatou-se que *Zero Hora* disponibilizou 21 páginas para a Editoria Mundo, uma média de três páginas por edição. No total, houve 93 notícias de cunho internacional publicadas no período, o que representa uma média de 4,4 matérias por página.

1985	Páginas	Matérias	Média
Segunda-feira	3	12	4
Terça-feira	2	14	7
Quarta-feira	4	15	3.75
Quinta-feira	4	15	3.75
Sexta-feira	2	12	6
Sábado	2	12	6
Domingo	4	13	3.25
Totais	21	93	4.42

Tabela 1

Em 2005 (*ver tabela na próxima página*), avaliando-se os mesmo dias, percebeu-se que a quantidade de páginas sofreu uma variação pouco considerável. Foram 22, uma a mais do que em 1985. No caso do montante de matérias, a mudança é mais significativa: de 93 em 1985, o número caiu para 76 em 2005. A média, que era de 4,4 antes da Internet, decresceu para 3,4 depois do advento da rede mundial. Uma variação negativa de aproximadamente 25%.

2005	Páginas	Matérias	Média
Segunda-feira	4	11	2.75
Terça-feira	4	16	4
Quarta-feira	2	9	4.5
Quinta-feira	3	9	3
Sexta-feira	3	11	3.66
Sábado	2	9	4.5
Domingo	4	11	2.75
Totais	22	76	3.45

Tabela 2

Dos sete dias avaliados, apenas um teve maior média de matérias por página. Trata-se da edição de quarta-feira – 13 de novembro em 1985 e 9 de novembro em 2005. No primeiro período, foram publicadas 15 “retrancas”, distribuídas em quatro páginas. Já no segundo, que teve apenas duas páginas, foram nove notícias. A supremacia, em quantidade de matérias internacionais, feita a média por página, de 2005 sobre 1985 resumiu-se a essa data. Nos outros seis dias da semana, o período pré-Internet apresentou maior média na Editoria Mundo de *ZH*.

Pode-se inferir que a discrepância é resultado de um incremento na veiculação publicitária nas páginas do jornal aqui estudado. Com mais anúncios, haveria natural diminuição no espaço reservado para as notícias, com conseqüente diminuição na quantidade das mesmas. Não é, no entanto, o que os números revelam. O montante de publicidade veiculada é muito próximo, e mesmo assim com leve inclinação para a época em que a redação trabalhava sem o suporte da Internet. Em 1985, foram 25 anúncios, somadas todas as páginas da Editoria Mundo

nas sete edições estudadas. Em 2005, foram 24 anúncios. Pode-se argumentar, entretanto, seguindo-se o mesmo raciocínio, que os anúncios aumentaram de tamanho, o que justificaria a menor quantidade. Também não é verdade. A análise sobre as duas semanas de publicação mostra que não houve variação representativa no espaço destinado a anúncios. Em 1985, eles eram um pouco maiores, quando considerada sua centimetragem em altura. Em 2005, ocupam mais colunas. Em linhas gerais, entretanto, a modificação não deve ser considerada relevante o suficiente para explicar a queda no total de notícias no período pós-Internet.

Outras questões talvez sejam mais pertinentes. Tanto Raul Rubenich quanto Rodrigo Lopes revelaram-se surpresos ao tomar conhecimento dos números. Lopes⁸, atual editor assistente, levanta duas hipóteses para a queda na quantidade de notícias na editoria que ele co-dirige (o editor é Luciano Peres): primeiro, um explícito interesse editorial da *Zero Hora* em fortalecer o noticiário local; segundo, a reformulação gráfica pela qual o jornal passou pouco antes do período pesquisado para este estudo.

O jornal vê nas notícias locais, segundo Lopes, uma forma de se diferenciar dos concorrentes diretos – em Porto Alegre, *Correio do Povo*, *O Sul* e *Jornal do Comércio*, além do *Diário Gaúcho*, que também pertence ao grupo RBS e investe igualmente forte no noticiário local. Com essa política editorial (que pode abranger as editorias de Geral, Política, Economia, Polícia, Cultura e Esportes, mas dificilmente Mundo), o noticiário internacional acaba assumindo um papel coadjuvante no jornal. Lopes exemplifica sua afirmação dizendo que os editores-chefes sempre solicitam que uma notícia forte de cunho internacional não seja tratada apenas pelo enfoque global, mas também por aspectos locais. Que, por

exemplo, no caso de um terremoto, sejam procurados gaúchos que tenham sobrevivido, que tenham presenciado o drama, etc. Ou seja, até o noticiário internacional deve estar focado no público local. Essa seria, portanto, em termos de conteúdo, uma justificativa para o decréscimo na quantidade de matérias publicadas pela Editoria Mundo de *ZH* em 2005 comparativamente a 1985.

A reformulação gráfica citada por Rodrigo Lopes também merece reflexão. O novo projeto visual foi lançado no dia 12 de setembro de 2005 e trouxe algumas novidades em relação ao modelo até então utilizado. As características mais visíveis, no que interessa a essa pesquisa, dizem respeito ao tratamento dado pelo jornal à diagramação. O que se percebe, com a mudança, é que *ZH* optou por “dinamizar” a relação com os leitores. As fotos tornaram-se maiores, assim como os títulos das matérias, e passou-se a usar mais infográficos e demais recursos visuais. Com isso, o espaço destinado ao texto foi reduzido. Para Rodrigo Lopes, a reforma gráfica atende a uma exigência do público que tem muita relação com o universo da Internet e, de certa forma, com todo o estudo sobre superaceleração do tempo feito neste trabalho. Hoje, com o ritmo de vida ganhando em velocidade (afinal, é a lógica do *time is money*), torna-se necessário que um periódico, comercialmente, se adapte às necessidades de um público inserido nesse processo. Assim, um jornal com atrativos visuais, pronto para oferecer a informação básica sem grandes delongas, poderá ser mais atraente para os leitores – apesar de todas as ressalvas que devem ser feitas quanto à qualidade jornalística do material publicado. Por outro lado, é difícil imaginar que o leitor, ao investir seu dinheiro na compra de um exemplar do jornal na banca de revistas ou mesmo em uma assinatura, goste de um produto que contemple cada vez menos notícias. Não há, necessariamente, nenhum mal em um periódico buscar uma reformulação para ficar mais vistoso, desde que isso não afete

⁸ Em entrevista concedida ao autor em 14 de novembro de 2005.

a qualidade jornalística. No caso de *ZH*, parece não ter sido possível unir beleza e informação.

Já Raul Rubenich⁹, editor da Editoria Mundo de *ZH* em 1985, acredita que a explicação para a redução no número de matérias esteja no fato de a notícia internacional envelhecer rapidamente em relação à Internet. A propósito, Bernardo Kucinski diz que a rede mundial funciona como leitura final para os internautas, fatia considerável do público que também utiliza as demais mídias, inclusive a impressa. Dessa forma, o noticiário internacional, de forte presença na Internet, perderia espaço por ser velho demais. Por isso, classifica a ânsia pela velocidade de “fetiche”, principalmente em se tratando do jornalismo impresso. Conceito defendido também por Sylvia Moretzsohn:

Assim, caso do jornal impresso, o fetiche se revela com mais clareza: também ele está submetido à “lógica da velocidade”, mas é obviamente incapaz de segui-la, uma vez que o “tempo real” será inevitavelmente o tempo de ontem (MORETZSOHN, 2002, p. 140)

É curioso que os dois jornalistas entrevistados, pertencentes a gerações distintas, apontem questões que, na prática, colocam a Internet como vilã de uma certa desvalorização do noticiário internacional na Editoria Mundo de *ZH*. Seja pelas

⁹ Em entrevista concedida ao autor em 15 de novembro de 2005.

considerações de Lopes, que vê na reformulação visual do jornal uma tentativa de torná-lo mais dinâmico, característica típica da Internet, seja pela visão de Rubenich, que aponta a defasagem do material publicado no dia seguinte, levando-se em conta a instantaneidade do www, a verdade é que os números pesquisados (e comparados) mostram que há hoje, com a rede mundial de computadores, menos informações internacionais disponíveis nas páginas de *Zero Hora* do que há 20 anos.

Mas a discussão não morre nesse ponto. Acredita-se que haja outras formas de se medir a influência da superaceleração do tempo através das novas tecnologias, em especial a Internet, no jornalismo impresso diário. Dentre elas, por meio das localidades a que se referem as informações.

4.3 O PRÓXIMO E O DISTANTE

As noções de proximidade e distância, assim como a idéia geral de espaço, foram relativizadas com o tempo intemporal. Limites espaciais foram rompidos pelas novas tecnologias, que superaceleraram o tempo ao ponto de criar uma nova temporalidade, agora virtual, capaz de misturar presente, passado e futuro no mesmo campo, o da tela do computador. Para o jornalismo, isso significou agilidade no acesso a informações provenientes de locais mais afastados dos grandes centros de decisão capitalista – entenda-se Europa e Estados Unidos. Automaticamente, aumentou a capacidade de publicação de notícias vindas desses locais. Isso não significa, no entanto, que não haja interesse editorial por parte da mídia na divulgação de notícias relativas aos centros não-protagonistas.

Rodrigo Lopes, questionado sobre os critérios que levam a Editoria a decidir o que é passível de publicação, brincou: “Nós temos uma frase, um tanto cruel até, mas que reflete bem o espírito de uma Editoria de Mundo na hora de decidir o que vira notícia. É aquela história de que ‘mais valem dois americanos feridos do que 30 chineses mortos’”. A frase de Lopes talvez seja exagerada, mas é rica como exemplo: as notícias internacionais, principalmente vislumbrando-se o jornalismo comercial, inserido nos moldes capitalistas, são focadas nos grandes centros tomadores de decisão. É o jornalismo do “quem manda mais”.

Por isso que, pela pesquisa feita nesta monografia, tanto os Estados Unidos quanto a Europa apresentaram-se como concentradores de informação em 1985 e em 2005 (*ver tabela abaixo*). Na época pré-Internet, foram 25 notícias relativas aos norte-americanos e 21 aos europeus. Ou seja, cerca de 50% das notícias publicadas eram referentes a esses dois centros. Em 2005, foram 18 matérias relativas aos Estados Unidos e 26 à Europa. No caso, quase 58%.

Ano	Europa	EUA	A. Latina	Ásia	África	O. Médio	Neutro
1985	21	25	29	5	6	5	2
2005	26	18	5	10	5	10	2
Totais	47	43	34	15	11	15	4

Tabela 3

Ou seja, as grandes potências, nas duas épocas, nortearam a escolha das notícias passíveis de publicação. Há, porém, algumas mudanças nos dois períodos que merecem reflexão. A principal delas diz respeito ao espaço destinado à América Latina. Em 1985, informações referentes a países latino-americanos predominaram em relação aos demais centros. Foram, somando uma semana de publicação, 29 matérias. Em 2005, o número despenca para apenas cinco notícias. Com o fim das

barreiras espaciais, a proximidade geográfica da América Latina, que poderia ser utilizada como explicação para a grande quantidade de notícias publicadas, tornou-se relativa. Na era da Internet, tudo pode ser considerado próximo, independentemente da efetiva distância geográfica.

Até mesmo o Oriente Médio. Centro de conflitos político-religiosos que se arrastam há séculos, a região é constante fonte de notícias. Só que hoje, com a maior facilidade de acesso às informações, percebe-se um aumento no espaço reservado à região. Foram, na semana de 2005 pesquisada, dez notícias do Oriente Médio. Em 1985, foram cinco, a metade. No caso da Ásia (sem contar o próprio Oriente Médio), os números são exatamente os mesmos. Já no caso da África, há paridade no levantamento: seis notícias em 1985, cinco em 2005. Para Rodrigo Lopes, o continente africano é o único que ainda carece de uma boa cobertura, seja via Internet, seja pelas agências.

Percebe-se, pelos números apresentados, que a facilidade do acesso às informações, com maior agilidade, não significa, necessariamente, aumento na quantidade de notícias publicadas pela mídia impressa. Porque, em primeiro lugar, há outros interesses que muitas vezes entram em conflito com os objetivos editoriais – como se viu no caso do novo projeto gráfico de *ZH*. Além disso, nem tudo é considerado de interesse do público. Por isso que Europa e Estados Unidos, passadas duas décadas, continuam centralizando o material publicado pela Editoria Mundo de *Zero Hora*. Ali estão os grandes centros controladores da economia, as grandes potências. É a triste lógica, mais uma vez, do “mais valem dois americanos feridos do que 30 chineses mortos”. Idéia que transforma o jornalismo, profissão notadamente social, em um brinquedo do poder, dos que comandam, do sistema capitalista. Por mais que seja, hoje em dia, mais fácil conseguir dados sobre um fato

ocorrido na Ásia, por exemplo, antes é preciso saber se há “interesse” em sua publicação.

4.4 AS ROTINAS PRODUTIVAS DA EDITORIA MUNDO DE *ZH*

As rotinas produtivas da Editoria Mundo de *Zero Hora*, descritas por Rodrigo Lopes e Raul Rubenich, não sofreu grandes transformações de 1985 para 2005. A equipe, hoje, é composta por quatro jornalistas – dois editores e dois repórteres. Em 85, eram três pessoas. O número de páginas, tanto há duas décadas quanto hoje, variava conforme a edição, sempre entre duas e quatro páginas.

Os horários de trabalho também têm similaridades. Rubenich conta que sua equipe costumava chegar à Redação por volta das 14h. Logo depois, havia uma reunião, em que eram definidas as pautas principais. Então, as tarefas eram divididas entre os jornalistas. A primeira edição do jornal, que circulava pelo Interior do Estado, tinha fechamento previsto para por volta de 22h. Já a segunda edição, com circulação em Porto Alegre e Região Metropolitana, deveria estar fechada à meia-noite, salvo em ocasiões excepcionais.

Atualmente, um dos editores começa a trabalhar às 14h. Às 14h30min, há uma reunião geral com todos os editores. Às 15h, chegam os dois repórteres e o outro editor (há uma espécie de revezamento de horário entre Luciano Peres e Rodrigo Lopes). Às 16h30min, as tarefas são distribuídas na equipe. Cada repórter edita e diagrama sua página, rotina inserida na idéia de multiplicidade de funções. A Editoria trabalha com a meta de ter a primeira página entregue, já com revisões e correções, às 20h e a segunda às 21h30min. A primeira edição fecha, geralmente, às 22h30min. A segunda, à 0h30min. A exemplo do que ocorria há duas décadas,

um fato ocorrido tarde da noite (pelo horário brasileiro) só será noticiado com destaque se for efetivamente significativo. Lopes conta que há um temor quanto às informações iniciais lançadas pela Internet – o que remete à discussão feita anteriormente sobre possíveis contradições entre a apuração e a instantaneidade. Tanto em 1985 quanto hoje, há uma espécie de válvula de escape para as notícias que surgem perto do horário de fechamento. São as páginas com notas, muitas vezes repletas de curiosidades, que podem ser substituídas com certa rapidez quando há necessidade. Em 1985, o espaço era chamado de “Diretas”. Hoje, de “Pelo mundo”.

Em 1985, as notícias, antes de chegar à Editoria, passavam pela chamada “sala do Telex”. Lá, estagiários de jornalismo recebiam o material das agências, faziam a divisão por tema e as entregavam aos editores. Hoje, o funcionamento é semelhante, mas o setor se chama “Copy”. Há, porém, uma curiosa diferença entre as duas épocas. É que hoje, lembra Lopes, é bastante comum que os jornalistas, na Redação, vejam uma notícia antes de ela chegar ao “Copy” pelas agências. Tudo por causa da agilidade da Internet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa em ciências sociais, quando encerrada, provoca dois impactos distintos. O primeiro, mais geral, diz respeito à contribuição que o estudo lega a sua área. O segundo, particular, refere-se à relação entre o pesquisador e o trabalho por ele desenvolvido. Espera-se que esta monografia possa contribuir, mesmo que de forma absolutamente modesta, ao campo de estudo do jornalismo. Que ela seja uma pequena parte, mas contribua para o universo teórico da “melhor profissão do mundo”, como diz García Márquez.

Independentemente disso, considera-se cumprida uma missão. É que após três meses de pesquisa, leitura, análises, rompeu-se o senso comum na relação entre pesquisador e tema. No momento em que uma das hipóteses desta monografia foi refutada pelos dados práticos, houve decepção, preocupação, até irritação com os rumos do projeto. Depois, avaliando melhor, não foi difícil perceber que isso, especialmente isso, é uma das mais belas facetas do conhecimento científico. Portanto, esta monografia, mesmo que em âmbito geral tenha as limitações mencionadas em sua Introdução, já serviu para, particularmente, contribuir com o conhecimento de alguém.

Este estudo, em sua gestação, partia do pressuposto de que, com a facilidade de acesso às informações oportunizada pela superaceleração do tempo proporcionada pelas novas tecnologias, haveria mais notícias publicadas pela Editoria Mundo de *Zero Hora* hoje, com a Internet, do que há 20 anos, quando a

redação não trabalhava com a rede mundial. Ledo engano. O que se comprovou, na prática, é que diminuiu o montante de matérias de noticiário internacional no principal diário do Rio Grande do Sul.

A descoberta não invalida, de forma alguma, o estudo feito. Pelo contrário, cria um novo ponto de questionamento sobre a influência da superaceleração do tempo, com as novas tecnologias, no jornalismo impresso de periodicidade diária. E levanta uma dúvida sobre a efetiva importância da Internet, em termos de conteúdo, para a prática jornalística. Se o *www* é visto, com justiça, como uma das revoluções comunicativas mais expressivas da história, o jornalismo impresso não deveria ter conquistado uma ferramenta para incrementar seu trabalho?

Este estudo, vale frisar, não pretende apresentar idéias conclusivas sobre a relação do jornalismo com a Internet, porque estudou-se apenas mudanças concernentes ao jornal *Zero Hora*. Em outros diários, é possível que haja resultados completamente diferentes dos do estudo feito com base na Editoria Mundo de *ZH*. Por questões de viabilidade e praticidade, foi necessário reduzir o objeto de estudo, de forma que análises sobre outros jornais, neste trabalho, careceriam de fundamentação. É, portanto, com base somente em *Zero Hora* que este estudo apresenta suas conclusões.

A Internet estabeleceu, sim, um novo padrão jornalístico. Revolucionou, sim, o jornalismo. Só que muito mais no âmbito da ética profissional do que do acesso às informações. Porque é a ética que acaba afetada quando a preocupação é publicar a matéria o quanto antes, sem dar a devida atenção à checagem das informações. Quanto ao acesso às notícias, o jornalismo *on-line*, expressão da superaceleração do tempo jornalístico, não teve capacidade suficiente para, por exemplo, fazer com

que o leitor de um periódico, pela manhã, tivesse acesso a mais informações. Ocorreu o oposto, tendo-se o caso da *Zero Hora* como modelo.

As razões já foram discutidas, mas merecem ser retomadas. Com a Internet e sua instantaneidade, o “ontem” anunciado pelo jornal de hoje já é velho. É um exemplo claro de como a Internet efetivamente superacelerou o tempo no jornalismo. Para um leitor que costuma navegar na rede mundial e também tem o hábito de, no dia seguinte, ler o jornal impresso, as notícias, especialmente as internacionais, se tornam defasadas. Essa é, acredita-se, uma justificativa para a diminuição na quantidade de notícias de mundo em *Zero Hora*. A outra, suscitada por Rodrigo Lopes, diz respeito à diminuição do espaço físico do jornal com a implantação do novo projeto visual, que passou a utilizar fotos e títulos grandes, assim como extenso material visual. Ironicamente, uma forma de se tornar visualmente atrativo, bem ao estilo da Internet. Portanto, por mais paradoxal que pareça, o www pode ter se tornado concorrente do jornal impresso. Essa concepção varia de periódico para periódico, de acordo com a disposição editorial de cada um.

Em termos de atualização, percebe-se uma maior agilidade com a Internet, com a lógica do tempo real. No jornalismo *on-line*, é a velocidade que conta. E aí está a principal “vantagem” da grande rede. A questão, no fundo, é saber até que ponto isso efetivamente pode ser encarado como uma vantagem.

A comunicação viaja a uma velocidade sem precedentes e pode igualmente ser consumida sem atrasos, algo também sem precedentes. As mensagens têm selos temporais, exactos ao nível das centenas de segundo (BASTOS, 2000, p. 37)

Mas qual a utilidade de tanta pressa se, no final, o conteúdo é basicamente o mesmo? É por isso que tanto Kucinski (2005) quanto Moretzsohn (2002) classificam de “fetiche” essa ânsia pela velocidade, pelo instantâneo. Pelo que se apurou, o

material publicado pela Internet tem fluxo mais rápido que o das agências, mas a diferença não é significativa ao ponto de a primeira atrapalhar a segunda. Afinal, a Internet fragmenta a notícia e a divulga aos pedaços, conforme vai ocorrendo, enquanto as agências geralmente esperam que o fato seja mais sólido para fazer a divulgação. No fim, o todo divulgado pelas agências e a união dos fragmentos publicados pela Internet têm basicamente o mesmo conteúdo.

Logo, em termos de publicação de notícias pelo jornalismo impresso, não houve reconfiguração com a chegada da Internet.

E os jornalistas? O que aconteceu com os jornalistas? Aparentemente, a revolução nos meios tecnológicos à nossa disposição parece ter alterado pouco o ofício do jornalista. [...] Mas nas empresas jornalísticas, o fazer tornou-se mais importante que o saber fazer. A quantidade tornou-se critério da aprovação do trabalho, e as pautas deixaram de ser um exercício de criatividade para se tornar uma ordem de trabalho. O jornalista comum, hoje, é um trabalhador de uma linha de montagem, cuja esteira corre com velocidade cada vez maior, não deixando tempo nenhum para a individualização (KUCINSKI, 2005, p. 109)

Explica-se, dessa forma, por que a chegada da Internet representa um paradigma ético para o jornalismo. Trata-se de uma profissão que, ao natural, já abraça a idéia de velocidade, e agora, com o tempo real, tem o processo ainda mais otimizado. O tempo intemporal de Castells (2000) afeta a economia, a cultura, a sociedade. E afeta a comunicação, parte integrante da economia, da cultura, da sociedade. Para o jornalista, a questão é saber como agir diante da dualidade entre apuração e instantaneidade, conceitos diametralmente opostos. Se o mercado exige velocidade, a ética exige apuração. Encontrar fórmulas é difícil, fazer pregações morais é desnecessário, principalmente em uma época em que cresce em progressão geométrica a concorrência por um posto no mercado de trabalho. Só que

não se pode, por causa da nova realidade, simplesmente aceitar que o jornalista seja mecanizado – e que a velocidade, por puro fetiche, supere o bom jornalismo.

Esta monografia não pretendeu, em nenhum momento, colocar a Internet como vilã de uma realidade sombria. As críticas feitas às mudanças na atividade jornalística, com a superaceleração do tempo proporcionada pelas novas tecnologias, vão contra a maré de encanto que a Internet provoca, mas não desconhecem as vantagens que a rede mundial proporciona. Divisões éticas, em uma profissão de responsabilidade social como o jornalismo, são constantes. Hoje, discute-se o papel do jornalista na relação com a Internet porque é ela, a rede, quem demanda isso, graças a sua representatividade no mundo dito moderno. Mas a discussão ética surge do âmago do jornalismo, não da Internet. É uma questão jornalística.

A lógica do mercado não pode derrotar princípios básicos da profissão, como apuração, confronto de opiniões, checagem de fontes. Hoje, o jornalismo de algumas décadas atrás é visto de forma nostálgica, com um ar de “éramos felizes e não sabíamos”. Espera-se que daqui a 20 ou 30 anos o jornalismo feito em 2005 não seja visto com esse tipo de saudosismo. Porque, daqui para a frente, é preciso melhorar. Correndo ou não contra o relógio.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Helder. **Jornalismo Electrónico**: internet e reconfiguração de práticas nas redacções. Coimbra: Minerva, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Globo, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid da. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (com ênfase em comunicação)**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de Análisis de Contenido**: teoría y práctica. Barcelona: Piados Ibérica, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na Era Virtual**: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Unesp, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “Tempo Real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Reyan, 2002.

SOUZA, Paulo Henrique Rodrigues de. **Compressão do Tempo nas Rotinas de Produção do Jornal Zero Hora**: a supervalorização do deadline e o sofrimento psíquico na redação. 2004. 83 f. Monografia (Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo)- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.